

SELEÇÃO DE TEXTOS

2017-2019

(Entrevistas, homilias, artigos)

MONS. FERNANDO OCÁRIZ
PRELADO DO OPUS DEI

Mons. Fernando Ocáriz - Prelado do Opus Dei

Seleção de textos 2017-2019

(Entrevistas, homilias, artigos)

Table of Contents

Nota do editor

a) Excertos de entrevistas

1. Paris-Madrid-Roma
2. O Opus Dei, noventa anos depois
3. «Todos com Pedro»

b) Homilías

1. Entrada solene na igreja prelatía (27-1-2017)
2. Quinta- Feira Santa (18-4-2019)
3. Sexta-feira Santa (19-4-2019)
4. Vigília Pascal (20-4-2019)
5. Em memória do Beato Álvaro del Portillo (12-5-2017)
6. Em memória do Beato Álvaro del Portillo (11-5-2019)
7. Missa de ação de graças pela beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri (19-5-2019)
8. Missa de ação de graças pela beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri (21-5-2019)
9. Em memória de S. Josemaria (26-6-2018)
10. Em memória de S. Josemaria (26-6-2019)
11. Inauguração do ano académico de 2019-2020 da Pontifícia Universidade da Santa Cruz (7-10-2019)
12. Primeiro aniversário do falecimento de D. Javier Echevarría (12-12-2017)

c) Artigos

1. Luz para ver, força para querer (El Tiempo, Bogotá, 24-9-2018)
2. Deixar-se surpreender por um bom Pai (La Estrella, Panamá, 25-1-2019)
3. Guadalupe: um caminho para o céu na vida quotidiana (ABC, Madrid, 13-5-2019)

Sobre

Nota do editor

Os excertos de entrevistas foram selecionados a partir de respostas dadas a meios de comunicação da Bélgica (Tertio), Espanha (Palabra, Vida Nueva, Alfa y Omega, Iglesia en Aragón e Semanario Diócesis Málaga), Itália (Famiglia Cristiana, Avvenire, L'Osservatore Romano, Zenit, Corriere della Sera e Vatican Insider), Alemanha (Frankfurter), Inglaterra (Times) e Portugal (Jornal de Notícias). Agradecemos, em todos os casos, aos jornalistas que se ocuparam desses trabalhos. Procurou-se dividir a seleção de perguntas em quatro apartados temáticos, para evitar a reiteração de perguntas semelhantes. São utilizadas as versões reproduzidas na Internet. No caso das homilias, embora abarquem três anos diferentes, foram distribuídas pela ordem dos meses no calendário. Por último, os artigos de imprensa foram publicados em meios de comunicação de diversos países. além do indicado, entre os quais Portugal.

a) Excertos de entrevistas

[1. Paris-Madrid-Roma](#)

[2. O Opus Dei, noventa anos depois](#)

[3. «Todos com Pedro»](#)

1. Paris-Madrid-Roma

Nasceu em Paris em 1944, de família espanhola. Qual era o motivo para morarem em França? (Palabra)

A guerra civil. O meu pai era militar do lado republicano. Nunca quis contar detalhes, mas, pelo que entendi, teve ocasião de salvar pessoas, pela sua posição de comandante. E dentro do próprio exército republicano acabou por ficar numa situação arriscada. Como não era partidário de Franco, pensou que convinha ir para França; aproveitou a proximidade de uma parte do exército à fronteira, passando através da Catalunha. Era veterinário militar, mas tinha-se dedicado sobretudo à investigação em biologia animal. Não era o que se poderia considerar um político, mas sim um militar e um cientista.

Conserva alguma recordação dessa época? (Palabra)

O que sei dessa época é por tê-lo ouvido contar. Quando a família

fugiu para França, eu ainda não tinha nascido, nem a minha sétima irmã, anterior a mim (não cheguei a conhecer minhas duas irmãs mais velhas, que morreram muito novas, bastante antes de eu nascer). Nós, os dois mais novos, nascemos em Paris. Eu nasci em outubro, justamente um mês após a libertação por parte das tropas americanas e francesas do general Leclerc.

De Paris, voltaram a Espanha. (Palabra)

Eu tinha nessa altura três anos, e só conservo uma vaga lembrança, como uma imagem gravada na memória, da viagem de comboio de Paris a Madrid.

Quando conheceu o Opus Dei? (Palabra)

Pelas conversas entre os meus irmãos mais velhos e os meus pais, eu tinha ouvido a expressão “Opus Dei” sendo muito pequeno. Mesmo sem saber do que se tratava, esse nome era-me familiar.

Ainda no secundário, fui a um centro da Obra que ficava na rua Padilla, número 1, esquina com Serrano, e por isso se chamava “Serrano”. Já não existe. Fui poucas vezes. Gostava do ambiente e do que se dizia, mas já tínhamos atividades espirituais no colégio e talvez não percebesse a sua necessidade. Também fui algumas vezes jogar futebol com os de “Serrano”. Mais tarde, no verão de 1961, depois do ensino secundário e antes da universidade, o meu irmão mais velho,

que trabalhava como engenheiro naval num dos estaleiros de Cádiz, convidou-me a passar algumas semanas com a família dele. Havia um centro do Opus Dei muito próximo lá de casa, e comecei a frequentá-lo. O diretor, que era da Marinha, engenheiro naval (ramo de armas), animava-me a aproveitar o tempo; até me deu um livro de Química para estudar, coisa que eu nunca tinha feito no verão! Ali, rezava-se, estudava-se, conversava-se e, entre uma coisa e outra, fui assimilando o espírito do Opus Dei. Acabou por me falar da possibilidade de ter vocação para a Obra. Eu reagi como fazem muitos, dizendo: “Não. Quando muito, como o meu irmão, que é pai de família”. Fui adiando, até que me decidi. Lembro-me do momento preciso: estava a ouvir uma sinfonia de Beethoven. Naturalmente, não me decidi por causa da sinfonia, mas coincidiu que a estava a ouvi-la quando me decidi, depois de ter pensado e rezado muito. Passados alguns dias, voltei a Madrid.

Importa-se de descrever essa decisão de entrega a Deus?

(Palabra)

Não houve um momento preciso de “encontro” com Deus. Foi uma coisa natural, gradual, desde que era pequeno e me ensinaram a rezar. De uma maneira progressiva fui-me aproximando de Deus no colégio: tínhamos oportunidade de receber a comunhão diariamente, e penso que isso ajudou a que a decisão posterior de me fazer da Obra fosse relativamente rápida. Pedi a admissão na Obra quando faltava um mês para os 17 anos, e por isso incorporei-me já com 18.

Quando conheceu S. Josemaria Escrivá? Com que impressão ficou? (Palabra)

Foi em 23 de agosto de 1963, em Pamplona, no Colégio Universitário Beláguia, durante uma atividade formativa de verão. Tivemos uma tertúlia muito longa com ele, de, pelo menos, uma hora e meia. Tive uma impressão ótima. Lembro-me de que, depois, muitos de nós comentámos que precisávamos de ver o Padre – era assim que chamávamos ao Fundador – muito mais frequentemente.

A sua simpatia e naturalidade chamavam a atenção: não era uma pessoa solene, mas natural, de bom humor, que, muitas vezes contava histórias, e, ao mesmo tempo, dizia coisas muito profundas. Era uma síntese admirável: dizer coisas profundas com simplicidade.

Tornei a vê-lo pouco tempo depois, julgo que no mês seguinte. Fui passar alguns dias em Madrid, e aconteceu que o Padre estava em Molinoviejo: por isso, fomos lá de vários sítios para estar com ele.

(Tertio) Seis anos mais tarde, aceitei o convite que me foi feito para completar os meus estudos de Filosofia e de Teologia em Roma. E foi então que me foi proporcionada a possibilidade de servir os outros de uma nova maneira, no sacerdócio. Foi o próprio fundador, S. Josemaria Escrivá, que mo propôs. Como essa ideia já me martelava na cabeça, aceitei rapidamente. É uma dessas decisões fundamentais que assumimos na oração, em diálogo com Cristo.

E Bento XVI, quando o conheceu? (Palabra)

Conheci o cardeal Ratzinger quando fui nomeado consultor da Congregação para a Doutrina da Fé, em 1986. Depois encontrei-me com ele com alguma frequência, em reuniões com poucas pessoas. Muitas outras vezes fui vê-lo para tratar diversos assuntos.

Recorda alguma história desses encontros? (Palabra)

Sempre reparei num pequeno pormenor: escutava muito, e nunca era ele quem dava por terminadas as entrevistas. Lembro-me de várias histórias. Por exemplo, quando ocorreu o famoso *affaire* de Lefebvre, estive nas reuniões com o bispo francês, se não me engano, em 1988. Numa reunião participavam o cardeal Prefeito Ratzinger, o Secretário da Congregação, o próprio Lefebvre com dois conselheiros e um ou dois outros consultores da Congregação para a Doutrina da Fé. Lefebvre havia aceitado, mas depois voltou atrás. Estando eu um momento a sós com Ratzinger, escapou-lhe da alma, com pena: “Como não se dão conta de que sem o Papa não são nada?”

Como Papa, pude cumprimentá-lo várias vezes, mas não ter propriamente uma conversa. Encontrei-o duas vezes após a sua renúncia, acompanhando D. Javier Echevarría ao local onde mora agora: achei-o muito afetuoso, ancião, mas com a mente plenamente lúcida.

Como pensa que o Papa emérito será recordado pela Igreja?

(Vida Nueva)

Como Papa, será recordado por um rico magistério, que está nas suas três encíclicas e nas exortações apostólicas, mas também na sua amplíssima pregação. As homilias e alocuções são luminosas e muitas delas formam esplêndidos corpos doutrinários: sobre a Igreja, os Apóstolos, os Padres da Igreja, a oração... Além disso, como teólogo, o Papa emérito ocupa, sem dúvida, um lugar muito destacado na teologia contemporânea, com contributos importantes em diferentes campos, desde questões centrais de teologia fundamental a aspetos de moral social ou política.

Falei com antigos alunos seus, [de Mons. Fernando Ocáriz] que contam que dava as suas aulas de Teologia Fundamental sem necessidade de abrir um único livro, a andar de um lado para o outro na sala e dizendo tudo de cabeça. Tem assim tão boa memória? (Jornal de Notícias)

Já passaram alguns anos desde essa altura e não recordo com muito pormenor. É claro que, embora a memória ajude, no ensino da Teologia influi especialmente o facto de se tratar de realidades que estão no centro da nossa própria vida e não apenas de dados que se recordam.

É o quarto prelado do Opus Dei. Ainda é forte a “presença” do vosso fundador na Obra? (Famiglia Cristiana)

Certamente, e não poderia ser de outra maneira. Poderíamos falar de uma presença viva, palpável, familiar. Vejo muitas pessoas do Opus Dei à procura de conselhos nos escritos do fundador, pedindo-lhe ajuda nos momentos de dificuldade e a recorrer à sua intercessão sempre que precisam. Isto é algo enraizado na vida interior quotidiana de muitíssimas pessoas, até mesmo de devotos de S. Josemaria que nem sequer conhecem o Opus Dei.

Aqui, na sede central do Opus Dei em Roma, em [Santa Maria da Paz](#), na igreja prelatícia, encontram-se os seus restos mortais, e milhares de pessoas de todas as partes do mundo vêm exprimir no silêncio da oração a sua gratidão ou as suas inquietações. Penso que todos nós procuramos manter o espírito que nos deixou, e que ele por sua vez recebera do Senhor, que consiste em procurar Deus no meio dos trabalhos quotidianos, na vida familiar, no emprego, na oração, na amizade, no serviço, no repouso... O desafio é procurar torná-lo cada vez mais atual na diversidade dos tempos e lugares.

S. Josemaria é um aragonês universal, como universal é o chamamento à santidade que ele sempre pregou. A sua mensagem ainda é válida? (Revista Iglesia en Aragón)

Julgo que a vigência dessa mensagem foi amplamente destacada no Concílio Vaticano II e na recente [Exortação Apostólica *Gaudete et exsultate*](#), em que o Papa Francisco nos lembra que “Deus nos quer santos e não espera que nos conformemos com uma existência medíocre, aguada, liquefeita” e nos encoraja a “não ter limites para o grande, o melhor e mais belo” e a viver “ao mesmo tempo, concentrados no pequeno, na entrega de hoje”.

Como viveu S. Josemaria a amizade e o apostolado na Universidade de Saragoça? (Revista Iglesia en Aragón)

Quando terminou o quarto ano de teologia, começou também a estudar na Faculdade de Direito, localizada na *Plaza de la Magdalena*. Aí fez amizade com os colegas, que lhe chamavam amistosamente “*curilla*” (padrezinho). Cultivava a amizade com eles com toda a naturalidade. O seu comportamento era sacerdotal e humano. Talvez seja por isso que, quando foi ordenado sacerdote, alguns o escolheram como seu confessor habitual.

Citou, na sua primeira mensagem, “Cristo Que Passa”, dizendo que cada geração de cristãos deve “redimir e santificar o seu tempo”, sendo necessário “compartilhar os anseios dos homens”. Que tempos são estes que vivemos?
(Jornal de Notícias)

São tempos de insegurança e, ao mesmo tempo, de desejo de mudança; de afastamento de Deus e de “saudades” de Deus; de tristeza e cansaço, mas também de nostalgia de bem; de temor aos conflitos e um grande desejo de paz. São os tempos que nos toca viver e são tempos para nos abirmos à ação de Deus.

2. O Opus Dei, noventa anos depois

Qual é o "estado de saúde" do Opus Dei, ao fazer estes 90 anos? (Vatican Insider)

Agradeço a Deus por todos os católicos que, com a graça de Deus, respondem livremente, todos os dias, à vocação cristã. E entre eles, homens e mulheres do Opus Dei, ou que participam dos apostolados que a Obra realiza. As viagens pastorais que fiz neste verão à Nigéria, Argentina, Bolívia e Paraguai também me levaram a essa consideração grata, vendo tantos jovens e idosos que querem apaixonar-se por Cristo e ser almas de oração no meio do mundo; ao contemplar tantas realidades de serviço que deram frutos graças à mensagem de S. Josemaria: escolas, dispensários médicos, universidades, etc.

Ao anteriormente dito, devemos também adicionar as limitações de cada um; os obstáculos objetivos ou subjetivos que encontramos; a dificuldade, por exemplo, de realizar uma obra de evangelização em climas e ambientes complexos, às vezes de verdadeira perseguição contra os cristãos. Um aniversário é um bom momento para agradecer

a Deus e, ao mesmo tempo, pedir perdão pelas nossas faltas e pecados. Penso, por exemplo, em pessoas que estiveram em contacto com o trabalho do Opus Dei e a quem não pudemos atender com a generosidade e o carinho que precisavam. O 90.º aniversário leva-nos a dizer a Deus, como costumava fazer o Beato Álvaro del Portillo : "Obrigado, perdão, ajuda-me mais".

Como vê o futuro do Opus Dei? (Vatican Insider)

O meu desejo para o futuro é que, fiéis ao carisma de S. Josemaria, todos nós, no Opus Dei, sejamos guiados pelo Espírito Santo para um renovado impulso evangelizador. Trata-se de levar o calor de Jesus Cristo a muitos amigos, parentes, colegas, vizinhos, conhecidos. A essência desse impulso evangelizador não é lançar novas atividades ou instituições como as já existentes, que são em si mesmas algo muito bom e positivo, mas promover a amizade pessoal, a abertura a todos e o espírito de serviço, atitudes profundamente evangélicas que são fundamentais para o apostolado cristão e que, ao mesmo tempo, são compatíveis com os defeitos e fraquezas que todos temos.

Que desafios adverte no horizonte? (Vatican Insider)

Os desafios são muito variados. Nos países minoritários cristãos, como a Indonésia ou o Sri Lanka (para mencionar dois dos últimos em que se iniciou o trabalho estável da Prelatura), é importante manter a

confiança no Senhor e ter muita fé: o compromisso cristão dos fiéis do Opus Dei e em geral dos católicos é uma pequena semente, cujos frutos crescem pouco a pouco, com a graça de Deus. Noutros países de tradição cristã, talvez o principal desafio seja viver o Evangelho com alegria e autenticidade, sem imitar uma sociedade que muitas vezes coloca em primeiro lugar os fatores materiais ou económicos. Outro desafio óbvio, comum a toda a Igreja, é a substituição de gerações. Todos os anos morrem cerca de mil fiéis da Prelatura, pessoas que, para dizer de algum modo, completaram o seu percurso: juntamente com a dor vivenciada perante cada uma destas separações humanas, são uma grande força espiritual e um apoio para o trabalho de evangelização da Igreja no mundo.

Assumi a direção do Opus Dei há mais de um ano, tempo que passou em muitas viagens. Em que direção está a orientar a Prelatura? (Avvenire)

Quero viver a paternidade espiritual e a proximidade com as pessoas, sobretudo às do Opus Dei, porque são as que a Igreja me confiou de modo especial; levar-lhes o afeto e o impulso evangelizador que nos transmitiram S. Josemaria e os seus sucessores. A prioridade é ajudar cada leigo e sacerdote da Prelatura a partir sempre de novo da contemplação de Jesus Cristo.

Em que parte do mundo o número de membros está a crescer? Que tipo de pessoas se incorporam? (Times)

O Opus Dei está a crescer de forma semelhante ao resto da Igreja no

mundo. Por exemplo, nos últimos anos, aumentou o número de católicos em vários países de África e da Ásia. Aumentou também o número de pessoas que desejam incorporar-se ao Opus Dei nesses continentes. Noutras partes do mundo, mais secularizadas, deparamos com as mesmas dificuldades que outras instituições da Igreja, e procuramos enfrentá-las com paz e esperança. Independentemente das estatísticas, gosto de considerar que é quase um milagre que haja tantos milhões de pessoas na Igreja que, com a graça de Deus, respondem livremente ao seu chamamento cristão de amor e serviço cada dia. E, entre elas, há muitos milhares de homens e mulheres que são membros do Opus Dei ou que participam nas suas atividades.

As pessoas que se incorporam ao Opus Dei são leigos adultos (mulheres e homens), que sentem uma especial vocação ou chamamento a procurar Deus e a transmitir o Evangelho através da sua vida quotidiana: no trabalho diário, na família e no relacionamento social e profissional com os outros. Do ponto de vista sociológico, a maioria dos membros é de pessoas casadas (70%), muitos são trabalhadores, de classe média, gente normal que com frequência tem que lutar para chegar ao fim do mês.

Desde a sua primeira carta pastoral como prelado, insiste muito na centralidade de Jesus Cristo. Para não derivar o cristianismo numa ideologia, ou num ritual bem-intencionado, necessitamos de experimentar e reviver constantemente um encontro pessoal com o amor de Deus.

Só como consequência brota a vida cristã e superabunda a graça na Igreja. Como anseia anunciar hoje o Opus Dei esse *kerigma*, que é boa notícia inesgotável? (Alfa y Omega)

Fundamentalmente mediante a amizade sincera, de pessoa a pessoa, que é sempre mutuamente enriquecedora. Para a evangelização, é essencial o valor do testemunho e de partilhar a nossa experiência da vida: é muito mais eficaz do que os discursos teóricos. Logicamente, isto não exclui a multiforme iniciativa pessoal, que dá origem também a atividades evangelizadoras muito diversas (atividades de ensino, assistenciais, etc.), por algumas das quais a Prelatura se responsabiliza quanto à sua orientação cristã e garante o atendimento ministerial de sacerdotes.

Que diria aos que consideram o Opus Dei um grupo fechado, sectário e de ideologia ultraconservadora? (Vida Nueva)

Em primeiro lugar, que as pessoas do Opus Dei, como é óbvio, não são perfeitas, têm defeitos, cometem erros... Ao mesmo tempo, convidava-os a conhecer a realidade pessoalmente, sem se deixarem levar por clichés. Que bom exercício é, na vida, deixar-se interpelar pela verdade! Repare nos anos 60, tínhamos o problema contrário; não eram poucos os que diziam que o Opus Dei era uma inovação perigosa. Manter com fidelidade a fé recebida na Igreja não torna ninguém ultraconservador. Assim como progredir na missão de propagar a luz de Cristo, atentos às características de cada momento,

não os torna credores da etiqueta de progressistas.

O Opus Dei tem fama de continuar a ser hoje uma comunidade conservadora que procura influir na política. Isso é certo? (Frankfurter)

Dividir os cristãos em «conservadores» e «progressistas» talvez revele, no fundo, uma atitude de exclusão, uma atitude de marginalização dos que pensam de maneira diferente. Entendo que possa ser mais fácil explicar a Igreja reduzindo-a a blocos monolíticos e opostos, mas desse modo perdemos a variedade de opiniões que a enriquecem.

Se se trata de «preservar» a essência do Evangelho, sim, cada cristão é um «conservador»; e, se se trata de aplicar o Evangelho à sua vida, cada cristão é um «progressista», porque deseja crescer e progredir. Em todo o caso, prefiro evitar este tipo de categorias, que considero pobres. Como lhe dizia antes, o Opus Dei e a política são realidades diferentes. Seria um erro atribuir a esta instituição da Igreja as opções políticas dos seus membros, opções que, graças a Deus, são muito variadas.

Circulam muitos preconceitos a propósito do Opus Dei. Como explicaria às pessoas que não devem ter medo da Obra? (Tertio)

Toda a crítica, seja qual for a sua origem, deve ser examinada atentamente para ver se ela não é justificada, em parte, pela nossa maneira de agir ou pela nossa falta de correspondência à graça de Deus. E, se for caso disso, para mudarmos em nós o que deve ser mudado. Por outro lado, é preciso ter paciência; o Opus Dei é uma instituição ainda recente, e as novidades na vida da Igreja e da sociedade são geralmente acolhidas com uma certa reticência. Para falar francamente, creio que não há nenhuma razão para ter «medo» do Opus Dei, para usar a sua expressão, quer seja no interior, quer fora da Igreja. Não procuramos impor-nos ou impor o quer que seja. Não respeitamos apenas a liberdade, mas amamo-la, tanto a nossa como a dos outros, e também a daqueles que não pensam ou não vivem como nós.

Em Espanha, o Opus Dei deu grandes frutos espirituais e sociais. Mas também gera controvérsia. Muitos encontraram a salvação de Deus graças a esse carisma e são felizes. Existem também numerosas pessoas que contam (mesmo publicamente) que a sua passagem pela Obra provocou feridas profundas. Pode ser que algo não tenha sido bem feito? (Alfa y Omega)

Em 22 anos que trabalhei a seu lado, ouvi D. Javier pedir perdão às pessoas que se sentiram magoadas com o comportamento de algum dos seus filhos. Eu junto-me a esse pedido de perdão e desejo com toda a alma que essas pessoas curem as suas feridas e superem a sua

dor. S. Josemaria costumava dizer que tinha afeto a todas as pessoas que se aproximavam do trabalho formativo do Opus Dei, mesmo que fosse apenas por uma temporada. Imagine-se o afeto que teria pelas pessoas que tinham chegado a pertencer à Obra. Ele sentia uma profunda paternidade espiritual: nunca se deixa de amar um filho ou um irmão.

Convém considerar dois planos distintos. Por um lado, a mensagem do Opus Dei é um caminho aberto para seguir Cristo. Por outro, as atividades que desenvolvem as pessoas e os centros da Obra, em que, como é natural, influem as circunstâncias e os vários modos de ser. Seguramente, entre tão grande número de pessoas e atividades - com boa intenção - terá havido erros, omissões, descuidos ou mal-entendidos. Eu gostaria de pedir perdão por cada um de eles.

O Opus Dei nasceu na Igreja com caráter profético. No entanto, a morte do fundador coincidiu com os primeiros anos do *tsunami* pós-conciliar. Parece lógico que a Obra se agarrasse aos alicerces. Terão ficado tiques *de entrincheiramento*, diante de tanta confusão e caos que viveu (e vive) a barca de Pedro? (Alfa y Omega)

A fidelidade a Deus é uma dimensão que sempre iluminou a história ao longo dos vinte séculos do cristianismo. A fidelidade à fé cristã, que

é fidelidade a Jesus Cristo, mostrou-se sempre dinâmica, inovadora e transformadora. Penso que efetivamente, depois do Vaticano II, ao ver as consequências da «hermenêutica de rutura» (como a denominou Bento XVI num famoso discurso), se colocou essa tentação do *entrincheiramento* que menciona.

Em todo o caso, são reações conjunturais que é necessário superar: quer a rutura, quer o entrincheiramento. São consequência de ter cedido a uma mentalidade dialética, política, que é alheia à Igreja, porque divide e quebra a comunhão. Na Igreja não há, não deve haver, grupos nem partidos, mas unidade dentro do legítimo pluralismo.

O relativismo causa estragos na nossa sociedade desnorteada. A Obra é famosa pela sua fidelidade à Igreja e ao Papa. Isto supõe uma bênção em tempos convulsos. Acentuar a doutrina no meio da tormenta traz segurança; por outro lado, pode desembocar num desejo de ter tudo regulamentado. Como harmonizar a fidelidade, sem fissuras à Lei divina, com a liberdade gozosa dos filhos de Deus? (Alfa y Omega)

Muitos problemas surgem quando colocamos dilemas desnecessários ou reduzimos a realidade a estereótipos dialéticos. Fidelidade ou criatividade, ortodoxia ou liberdade, doutrina ou vida... Penso que temos que viver com uma atitude integradora que é, por certo, muito cristã. A realidade não se deixa encerrar num esquema que exclui.

Exige de nós um equilíbrio, uma ponderação, uma integração que acaba por ser muito positiva também nas relações entre pessoas.

Com efeito, a dialética gera curto-circuitos. Encaremo-lo de um prisma mais integrador. Já que gosta muito de Beethoven: como seguir a partitura fazendo uma interpretação própria ? (Alfa y Omega)

Vejo perfeitamente compatível a fidelidade à doutrina com a abertura às inspirações do Espírito. A história da Igreja confirma-o. Sem perder a sua identidade, é permanente novidade. Neste contexto, considero importante a liberdade de espírito, que, evidentemente, não consiste na ausência de obrigações e compromissos, mas no amor. É o que Santo Agostinho expressou na famosíssima frase: «Ama e faz o que quiseres», ou como escreveu S. Tomás de Aquino numa linguagem diversa: «Quanto mais caridade alguém tiver, mais liberdade tem».

Então, uma fidelidade criativa significa viver a liberdade de amar, desejando abrir-se à novidade perene do Espírito...
(Alfa y Omega)

Com efeito, os modos de dizer e de fazer mudam, mas o núcleo, o espírito, permanece inalterado. A fidelidade nunca provém de uma repetição mecânica; realiza-se quando acertamos na aplicação do mesmo espírito em circunstâncias diferentes. Isso implica, por vezes,

manter também o acidental; mas noutros casos, induz a alterá-lo. Neste sentido, o discernimento sereno e aberto à luz do Espírito Santo é fundamental; sobretudo para conhecer os limites (às vezes não evidentes) entre o acidental e o essencial.

Nesse sentido, é para mim uma expressão muito cativante a que utiliza ao falar do Opus Dei como uma *partezinha* da Igreja. As famílias eclesiais, sonhadas pelo Espírito Santo, correm por vezes um risco. Na minha terra chamamos-lhe “não ver para além da boina”, quer dizer, viver na miopia do culto à instituição, ao próprio carisma, ao fundador... Como evitar promover a marca da casa e antepor o rosto de Deus e a unidade com a Igreja? ...(Alfa y Omega)

A expressão *partezinha* da Igreja é de S. Josemaria, que recorria ao diminutivo típico da sua linguagem aragonesa, para expressar o tom afetivo com que a empregava. A tentação da autorreferencialidade está sempre à espreita de toda a gente. Umhas vezes por um excesso de entusiasmo, outras vezes por desconhecimento de outras realidades, ou por uma ponta de vaidade. S. Josemaria quis prevenir-nos para esse perigo ao recordar-nos com frequência que a Obra existe apenas para servir a Igreja como a Igreja quiser ser servida. Se servir a Igreja - necessária expressão do amor a Jesus Cristo – for sempre uma realidade na vida de cada um, iremos bem.

Ocorre-me, também, algo que se costuma questionar à Obra. Um aspeto da sua prática pastoral. O facto de que homens e mulheres estejam separados, tão eficaz e necessário às vezes. É um traço do carisma fundacional? Não será antinatural quando não admite exceções? Externamente, pode perceber-se como uma ordem que asfixia iniciativas sãs que surjam naturalmente e/ou que facilitem a convivência dos jovens, o partilhar espiritual dos casais...
(Alfa y Omega)

Na Obra, a separação entre mulheres e homens limita-se aos meios de formação, aos centros onde se dá, à organização de diferentes apostolados. Nestes casos, a separação é um traço do carisma original, que tem bem experimentadas razões pastorais, embora compreenda que algumas pessoas não o partilhem e prefiram outros modos de atuar, igualmente legítimos. Fora desses meios de formação, há múltiplas atividades em que participam mulheres e homens: cursos para casais ou para noivos, sessões para pais e mães de família em clubes juvenis, iniciativas de paróquias que têm à sua frente sacerdotes da Prelatura, etc. Para não falar das inúmeras atividades informais que surgem da própria iniciativa e criatividade das famílias. O importante, em minha opinião, é que homens e mulheres casados recebam a formação como uma ajuda para reforçar o seu casamento e a sua família; é com esse desejo que lhes são facultados os meios de formação da Obra.

Em que sentido são as pessoas necessitadas uma prioridade para a Igreja e, como tal, para o Opus Dei? (Palabra)

São uma prioridade porque estão no centro do Evangelho e porque são amadas de um modo especial por Jesus Cristo.

No Opus Dei há como que um primeiro aspeto mais institucional: o das iniciativas que pessoas da Prelatura promovem com outras pessoas, para ir ao encontro de necessidades concretas do momento e do lugar em que vivem e aquelas a quem a Obra presta assistência espiritual. Alguns casos concretos e recentes são, por exemplo, *Laguna*, em Madrid, uma iniciativa de saúde para atender pessoas que necessitam de cuidados paliativos; *Los Pinos*, um centro educativo situado numa zona marginal de Montevideu, que promove o desenvolvimento social dos jovens; ou o *Iwollo Health Clinic*, um centro médico que disponibiliza atenção gratuita a centenas de pessoas de zonas rurais da Nigéria. Essas e muitas outras obras semelhantes devem continuar e crescer porque o coração de Cristo leva a isso.

A outra vertente, mais profunda, é ajudar cada fiel da Prelatura e cada pessoa que se aproxima dos seus apostolados a descobrir que a sua vida cristã é inseparável da ajuda aos mais necessitados.

Se olharmos à nossa volta, no nosso local de trabalho, na família, encontraremos tantas ocasiões: idosos que vivem em solidão, famílias que passam por dificuldades económicas, pobres, desempregados de longa duração, doentes do corpo e da alma, refugiados... S. Josemaria

excedia-se no cuidado dos doentes, pois via neles a carne sofredora de Cristo Redentor. Por isso costumava referir-se a eles como “um tesouro”. São dramas que encontramos na vida corrente. Como dizia a Madre Teresa de Calcutá, agora santa, “não é preciso ir para a Índia para atender e dar amor aos outros: pode fazer-se na própria rua em que se vive”.

Que «periferias» atendem os membros da prelatura?

(Avvenire)

Há algum tempo, o Papa Francisco pediu-me para nos ocuparmos das periferias das classes médias. Na nossa sociedade de bem-estar, por vezes tendemos a reduzir o conceito de periferias a alguns *slums* de África, Ásia ou América, ou aos grandes bairros populares nos subúrbios das nossas cidades. É certo que é necessário trabalhar esforçadamente para aliviar as necessidades e carências nesses lugares; dou graças a Deus pela generosidade de muitas pessoas do Opus Dei e amigos seus que, como tantos outros católicos, levam a cabo iniciativas educativas ou de desenvolvimento nestas periferias, como o Eastlands College of Technology, escola de capacitação profissional recentemente inaugurada num dos bairros mais pobres de Nairobi. No Centro Elis, em Roma, acaba de terminar o primeiro ano de aulas noturnas, com oitenta alunos do bairro do Tiburtino e de casas de acolhimento dos bairros mais problemáticos da cidade. Muitos destes rapazes têm sobre si fortes disfunções familiares e sociais, ou são menores não acompanhados que chegaram a Itália com os fluxos migratórios do Mediterrâneo. Mas penso que ao solicitar

isso, o Papa queria recordar que a periferia também está no amigo ou colega de trabalho que passa todos os dias junto de nós, em qualquer cidade italiana, e está longe de Deus, ou a viver uma crise familiar, ou não encontra resposta à pergunta sobre “qual é o sentido desta vida”.

Como se explica, ao mundo de hoje, o que é o Opus Dei?

(Jornal de Notícias)

O fundador, S. Josemaria Escrivá, costumava dizer que o Opus Dei é uma grande catequese. É uma imagem muito gráfica: cada pessoa do Opus Dei, com a naturalidade da sua vida cristã e com a sua amizade, apesar das suas limitações e defeitos, procura partilhar a alegria do Evangelho entre os seus familiares, amigos, colegas de trabalho, vizinhos... e fazer a Igreja precisamente nessas periferias profissionais, familiares e sociais. O nosso mundo está cheio de feridas e sedento de esperança. O testemunho de uma vida cristã no meio das mais simples realidades quotidianas pode ajudar muitas pessoas a conhecer e encontrar Jesus Cristo e, ao descobrirem o seu amor, gozar de uma alegria muito mais profunda nas suas vidas.

3. «Todos com Pedro»

Como é a sua relação com o Papa? Encontram-se habitualmente? (Vida Nueva)

É uma relação afetuosa. Agradeço ao Santo Padre as provas de carinho que tem tido com a prelatura do Opus Dei, e também comigo pessoalmente, por ocasião da morte do anterior prelado, D. Javier Echevarría, e da minha nomeação para lhe suceder. E igualmente nos meses seguintes. Uma atitude paterna que pude ver quando falámos pessoalmente ou quando nos comunicámos por escrito.

Depois da sua nomeação, declarou à imprensa que as relações entre o Papa Francisco e o Opus Dei eram cordiais. Como apoia a vossa instituição as prioridades do Papa?
(Tertio)

Como todos os católicos, sabemos que o Papa é o Vigário de Cristo para a Igreja universal. E que uma das missões do católico é ajudar os crentes a permanecer unidos à Cabeça: conduzir – como dizia S. Josemaria – “Roma à periferia e a periferia a Roma”. No decorrer da audiência que me concedeu depois da minha eleição, o Papa mostrou-se muito afetuoso, próximo e interessado no trabalho apostólico do Opus Dei em diferentes países. Deu-me conselhos sobre a maneira de fazer face às circunstâncias mutáveis segundo o tempo e o lugar, permanecendo fiel ao carisma legado pelo Fundador. Encorajou-nos, nomeadamente, a evangelizar “a periferia das classes médias”, levando o amor de Deus ao vasto mundo profissional. Tivemos também a possibilidade de falar de diferentes projetos dirigidos por membros e amigos da Prelatura com vista a responder às necessidades mais elementares nos diferentes países: iniciativas de integração de

refugiados e imigrantes na Alemanha, promoção de cuidados paliativos em várias regiões do ‘primeiro mundo’, iniciativas de desenvolvimento humano nos bairros pobres de diversas cidades e atividades de formação humana e cristã em muitos países do mundo. Sem falar nos nossos esforços por apoiar as prioridades do Papa Francisco com os meios que temos à nossa disposição, e gostaríamos de poder fazer ainda mais para cuidar da “nossa casa comum”, para estarmos mais próximos das famílias e testemunhar a misericórdia de Deus.

Passaram cinco anos desde a eleição do Papa Francisco, que ressalta especialmente deste tempo? (Vatican Insider)

Entre muitas outras coisas, o seu convite à proclamação do Evangelho através do que ele chamou uma vez de "a santidade de ao pé da porta»: cumprir bem os nossos deveres - rezar, trabalhar, sustentar a casa, cuidar da família, descansar - com o entusiasmo de saber que essas tarefas, mesmo no meio de dificuldades e sofrimentos, são o caminho do encontro com Deus e do serviço aos outros. A Igreja é o conjunto de todos os batizados: cada um é protagonista da evangelização. Também sublinharia a sua insistência no perdão e misericórdia de Deus, que teve um ponto alto no Jubileu da Misericórdia. É uma lembrança constante do amor de Deus por todos os homens, que percebemos de maneira evidente no sacramento da reconciliação. Nenhum homem ou mulher, não importa que misérias tenham, pode desesperar do perdão de Deus: há sempre um caminho de voltar para Ele. Por outro lado, a proximidade do Papa Francisco

com as pessoas mais vulneráveis apela a todos os cristãos a fomentar essa "cultura do encontro" tão evangélica.

Desde a sua eleição tem pedido com frequência orações pela Igreja e pelo Papa. Como fomentar essa unidade com o Santo Padre na vida das pessoas correntes? (Palabra)

Pede-me um conselho. Todos os que estiveram pessoalmente com o Papa Francisco, e desde 2013 terão sido milhares, ouviram esta petição: "Reze por mim". Não é uma frase feita. Oxalá na vida de um católico não falte, cada dia, um pequeno gesto pelo Santo Padre, que tem um peso enorme sobre si: recitar uma oração simples, fazer um pequeno sacrifício, etc. Não se trata de procurar coisas difíceis, mas algo concreto, diário. Aos pais e mães de família animo também a convidarem os filhos, desde pequenos, a rezar uma breve oração pelo Papa.

Há poucos dias o Papa convidou todos os fiéis do mundo a rezar contra os ataques do diabo, que sempre procura quebrar a unidade da Igreja, como recebeu este apelo? (Vatican Insider)

A primeira reação que tive foi de alegria, porque um convite do Papa para rezar por uma intenção tão importante, dá-nos ímpeto e esperança pela fé que o Papa tem na oração. Por outro lado, entristece-

nos porque responde a uma situação difícil. É consistente com o tema da unidade. Tudo o que é contrário à unidade não vem de Deus, mas do inimigo. Também pede para rezar a S. Miguel. A unidade é uma condição de vida, também porque, para a Igreja, não só por teologia, mas também por fé, o Papa é o princípio visível da unidade; o peso da unidade recai sobre o Papa e é por isso que nos pede que o ajudemos com a oração, não apenas agora, mas sempre.

A recente exortação apostólica [Gaudete et Exsultate](#) sobre o “chamamento à santidade no mundo contemporâneo” em muitos pontos lembra de perto os ensinamentos de S. Josemaria Escrivá. Que sentiu ao lê-la? (Avvenire)

O chamamento universal à santidade é o núcleo dos ensinamentos do Fundador do Opus Dei. Insistia sempre em que a santidade não é só para privilegiados: “O Senhor chama todos, de todos espera amor: de todos, onde quer que estejam; de todos, seja qual for o seu estado, a sua profissão ou ofício”. (*Cristo que passa, n. 110*). Deus chama à santidade o professor, o artista, o empresário, o cozinheiro, o agricultor, quem se ocupa das tarefas domésticas, o jornalista, o atleta, aquele que sofre o drama do desemprego... Já em vida, o [fundador](#) teve a grande alegria de ver como o Concílio Vaticano II confirmou e proclamou essa realidade: que a santidade é para todos. Portanto, compreende-se que, ao ler a *Gaudete et exsultate*, eu imediatamente pensasse na alegria que S. Josemaria teria sentido, vendo esta nova expressão da mensagem do chamamento universal à

santidade nas palavras do Papa Francisco.

O que o impressionou mais?

O Papa apresenta as [bem-aventuranças](#) como bilhete de identidade dos que buscam a santidade na vida quotidiana. É um caminho que, às vezes, requer ir contra-corrente, mas no final, conduz à felicidade. É muito importante mostrar, com o exemplo, que viver como cristãos é também algo que humanamente já compensa nesta terra, apesar das dificuldades que todos temos que enfrentar. O caminho das bem-aventuranças é também um caminho de felicidade para nós e para os outros. Pareceu-me muito bonita a insistência do Papa, ao longo de toda a exortação, em fundamentar a [santidade nos pequenos gestos](#), algo muito característico de S. Josemaria, que no seu livro *Caminho* escreve: “Não reparaste em que 'ninharias' está o amor humano? - Pois também em 'ninharias' está o Amor divino” (*Caminho*, n. 824).

4. O coração dos nossos contemporâneos

No debate público, às vezes parece que a religião é apresentada como algo do passado, antiquado. Que caminho lhe parece melhor para mostrar aos jovens que a felicidade está em centrar a vida na imitação de Cristo? (Zenit)

Talvez essa perceção nasça de uma visão do cristianismo como um

conjunto de preceitos e obrigações, ou como a simples comemoração de eventos do passado. No entanto o cristianismo é um encontro pessoal de amor, com Jesus Cristo; um amor que devolve o sentido profundo à vida. É verdade que no debate público, alguns apresentam a religião como algo ultrapassado; porém, vemos nos nossos dias muitas pessoas com sede de paz, de felicidade, sede de Deus. A ação de Deus no mundo é silenciosa, dá-se na intimidade das pessoas, na relação pessoal. Acredito que o testemunho desse encontro pessoalíssimo com Jesus Cristo, junto com a profunda alegria que gera, é um bom caminho para que os jovens — e qualquer pessoa — possam descobrir a felicidade de uma vida com Cristo. Foi assim desde os primeiros passos do cristianismo, como escreveu S. João: “Nós conhecemos e cremos no amor que Deus tem por nós” (1 Jo 4,16).

Como podem viver atualmente os jovens a ideia do Opus Dei de santificação do trabalho quando este é precário, mal pago, e com frequência, intermitente? (Vida Nueva)

O desemprego prolongado e o trabalho precário criam uma situação dolorosa e podem causar graves danos pessoais aos jovens. À escala social, significa também um evidente prejuízo, porque equivale ao desperdício de potencial humano, provoca o atraso do casamento e é fonte de insegurança para as famílias. Quem sofrer estas situações pode considerar que o seu trabalho é procurar trabalho, e que pode santificá-lo, como se pode santificar o trabalho de ampliar a sua formação para ter possibilidade de aceder a um emprego melhor.

O Pontífice lamentou em numerosas ocasiões as injustiças, a escassez e os graves problemas que existem no mundo laboral hoje em dia. Como viver a santidade no trabalho, apesar disso? (L'Osservatore Romano)

Procurar a santidade num ambiente laboral cheio de feridas e injustiças implica, para os cristãos, sermos testemunhas do Evangelho no nosso posto de trabalho: é esta a chave da santidade que o Senhor pede a muitos. Encontrar Cristo nos outros, servi-Lo nos outros. O próprio Papa Francisco quis promover a causa de canonização de um bom empresário argentino – Enrique Shaw –. cuja administração tinha o empenho de desenvolver os empregados e os que precisavam da sua ajuda. Penso que nos dá este exemplo para ressaltar a dimensão positiva e até heroica do trabalho de uma pessoa justa.

Por vezes, a tragédia do nosso tempo é não encontrar trabalho. A santificação pode consistir então em aceitar tarefas que estão abaixo das nossas expectativas, em bater com humildade e constância a muitas portas e, por outro lado, é uma chamada a rezar pelos que sofrem o desemprego, a acompanhá-los na medida das nossas possibilidades.

Como ajudar os jovens a não desanimarem perante as faltas de unidade entre católicos ou certas notícias, às vezes

escandalosas, que têm como protagonistas pastores da Igreja? Como fazer para não perder a paz e transmitir serenidade e esperança? (Zenit)

Noutras ocasiões lembrei que nos pode ajudar a consideração de que a Igreja não é só o conjunto dos homens e mulheres que a ela se incorporam, mas, sobretudo, como S. Josemaria explicava, é “Cristo presente em nós; Deus que vem até à Humanidade para salvá-la, chamando-nos com a sua revelação, santificando-nos com sua graça, sustentando-nos com a sua ajuda constante” ([Cristo que passa, n. 131](#)). Mesmo que nós, os homens e mulheres que fazemos parte do Povo de Deus, nos enganemos e erremos, Deus está connosco, na sua Igreja.

Ante essas dificuldades, que são evidentes aos olhos de todos, o Papa Francisco convidou todos os católicos a rezar diariamente o terço durante o mês de outubro, [terminando-o com a invocação *Sub tuum praesidium*, e com a oração a S. Miguel Arcanjo](#). E este seria um segundo aspeto fundamental: oferecer oração e penitência é um modo maravilhoso de amar cada vez mais a Igreja e o Papa.

Que significa hoje para um leigo procurar a santidade na sociedade digital, marcada por profundas mudanças de mentalidade e de costumes?” (Avvenire)

Entre outras coisas, significa semear amizade no mundo digital,

superando assim o risco da despersonalização: cada pessoa é importante, porque Jesus Cristo morreu e ressuscitou por cada um de nós. As relações autênticas começam ao ver pessoas concretas no centro de toda a interação, embora nas conversas digitais não seja frequente ter a sua imagem diante de nós. Significa também partilhar conteúdos valiosos, sem substituir a cultura pela mera informação. E, para isso, é preciso estudar, refletir, orar, escutar. Além disso, nós, os cristãos, devemos infundir serenidade no rápido fluxo digital. Por último, viver com coerência, em unidade de vida, sem duplicidades: não se pode pretender ser um cidadão modelo e bom cristão *offline* e depois atuar *online* sem domínio próprio, sem caridade no diálogo.

Outro ponto nevrálgico da sociedade e da Igreja é a família. Que pede aos membros e amigos do Opus Dei neste campo?
(Avvenire)

Darem um testemunho positivo, especialmente com a sua perseverança no amor. Ser fiel a Deus ou a uma pessoa é algo que deve ser renovado todos os dias. Uma vez, fá-lo-emos facilmente, outras com dificuldade. É necessário desejar e procurar o bem dos outros. Em família, este “bem” exige aceitar o outro tal como é, saber renunciar às próprias opiniões, captar as manifestações de cansaço, encontrar tempo e assuntos para falar, evitar as queixas, etc. Fazer isto, que é simples, mas nalguns períodos pode ser heroico, mostra que as pessoas nos importam, que nunca queremos considera-las como objetos que não servem ou têm defeitos, «substituindo-as» quando já

não nos servem. Uma família que não se rende perante as dificuldades e onde pais e filhos procuram o conselho de Deus para conhecer e querer o bem dos outros é um grande apoio para a Igreja e para a sociedade.

Os membros do Opus Dei, na sua maioria, são leigos. Em que consiste o seu apostolado? (Tertio)

O sacerdócio ministerial é essencial na Igreja; sem os sacramentos – em particular a Eucaristia e a Confissão, cuja administração está reservada aos padres –, o apostolado dos leigos seria totalmente inoperante. E inversamente: sem o apostolado dos leigos, o sacerdócio ministerial seria extremamente limitado. Que poderíamos fazer, nós os padres, para a formação cristã das novas gerações sem a colaboração dos pais e mães de família? Como é que a atividade pastoral dos padres poderia chegar a tantas pessoas no mundo das ciências, da economia, dos direitos humanos, da política, da arte, do jornalismo e a tantos outros domínios?

S. Josemaria explicava que o contributo próprio dos leigos para a santidade e para o apostolado na Igreja consiste em difundir o fermento da mensagem cristã na sociedade pelo seu agir livre e responsável nas estruturas temporais. É aí, na sociedade, que os leigos evangelizam pelo seu exemplo de honestidade, de laboriosidade, de justiça, de alegria, de lealdade, de fé, de fraternidade para com todos. A amizade com os colegas e o prestígio profissional que podem adquirir pelo seu trabalho dão-lhes a possibilidade de ajudar

pessoalmente os seus semelhantes a descobrir o Evangelho, apesar dos seus próprios limites e erros, que têm em comum com todos os homens.

O Concílio Vaticano II veio recordar que é essa a principal missão dos leigos na Igreja. Naturalmente, alguns podem também ser chamados a assumir postos de responsabilidade no seio da Igreja que não necessitam do sacramento da Ordem. É outro sinal de generosidade e modo de servir os outros. Mas não esqueçamos que não é esse o papel essencial do leigo e que, retomando as palavras do Papa Francisco, promover o laicado não consiste em “clericalizá-lo”.

Neste nosso mundo, tantas vezes prisioneiro na cultura do lamento, saborear assim o amor de um Pai é crucial para viver com esperança. Neste nosso mundo, tantas vezes prisioneiro na cultura do lamento, saborear assim o amor de um Pai é crucial para viver com esperança. (Alfa y Omega)

Sempre, e especialmente nestes momentos, temos de ter muito presente essa maravilhosa realidade, que ajuda a superar os pessimismos que surgem perante os problemas da vida, a consciência dos nossos próprios defeitos, as dificuldades da evangelização, e até perante a situação do mundo. A nossa vida não é uma novela cor-de-rosa, mas um poema épico. Saber-nos filhos de Deus ajuda-nos a viver com confiança, gratidão e alegria. Convida-nos a amar este nosso mundo, com todos os seus problemas e com toda a sua beleza. A paz do mundo depende mais daquilo com que cada um de nós contribua,

na vida corrente, (sorrindo, perdando, não pensando em nós), do que das grandes negociações dos Estados, por mais necessárias e relevantes que sejam.

Vivemos num clima de laicismo beligerante em que é fácil que pensemos que falar de Deus é perigoso e é melhor deixá-Lo em letra pequena ou acabamos por acrescentá-Lo como um autocolante postíço. Como enfrentar o desafio de falar d’Ele com naturalidade, com paixão, sem complexos, como o amor bendito que apoia a nossa vida e os nossos empenhos?
(Alfa y Omega)

Certamente, temos a sensação de viver tempos de insegurança. E simultaneamente, notam-se grandes desejos de mudança. O nosso mundo parece afastar-se de Deus e, no entanto, vê-se tanta sede espiritual! Tememos os conflitos, e manifestamos grandes ânsias de paz. A ação de Deus realiza-se hoje e agora, no tempo que nos coube viver, e oxalá nos abramos a ela! Quando alguns pensadores falam de que se tornaram líquidas as relações interpessoais na nossa sociedade, e apontam o nosso naufrágio no efémero e superficial, isso não deve encher-nos de pessimismo ou amargura, mas estimular-nos a contagiar a alegria do Evangelho.

Por vezes temos a sensação de viver num mundo algo perturbado. Que pediu à nossa Mãe na sua viagem a Fátima?

(Alfa y Omega)

Na sua presença materna, ia revendo alguns desafios deste nosso mundo, tão complexo como apaixonante. Pedia-lhe a graça de levar a todos o Evangelho na sua pureza original e, ao mesmo tempo, na sua novidade radiosa. Numa mensagem posterior aos meus filhos, escrevia algo que penso que nos pode servir: «O apelo a que cada um de nós, com os seus recursos espirituais e intelectuais, com as suas competências profissionais ou a sua experiência de vida, e também com os seus limites e defeitos, se esforce por ver o modo de colaborar mais e melhor na imensa tarefa de pôr Cristo no cume de todas as atividades humanas. Para isso, é preciso conhecer em profundidade o tempo em que vivemos, as dinâmicas que o atravessam, as potencialidades que o caracterizam e os limites e as injustiças, por vezes graves, que o afetam. E, sobretudo, é necessária a nossa união pessoal com Jesus, na oração e nos sacramentos. Assim, poderemos manter-nos abertos à ação do Espírito Santo, para bater com caridade à porta dos corações dos nossos contemporâneos».

**Uma preocupação generalizada na Igreja são as vocações.
Que aconselharia, a partir da experiência do Opus Dei?**

(Palabra)

No Opus Dei sentem-se as mesmas dificuldades de todos na Igreja, e pedimos ao Senhor, que é o “dono da messe”, que envie “trabalhadores para a Sua messe”. Talvez um desafio especial seja fomentar a

generosidade entre os jovens, ajudando-os a compreender que a entrega a Deus não é apenas renúncia mas dom, um presente que se recebe e que nos faz felizes. Qual é a solução? Vem-me à cabeça o que dizia o fundador do Opus Dei: “Se queremos ser mais, sejamos melhores”. A vitalidade na Igreja não depende tanto de fórmulas organizativas, novas ou antigas, mas de uma abertura total ao Evangelho, que leva a uma mudança de vida. Tanto Bento XVI como o Papa Francisco recordaram que são sobretudo os santos os que fazem a Igreja. Portanto, queremos mais vocações para toda a Igreja? Esforcemo-nos mais por corresponder pessoalmente à graça de Deus, que é quem santifica.

Desde a sua eleição e na audiência com o Papa Francisco, falou de três prioridades: família, jovens e “sensibilidade proativa pelos mais necessitados”. Que significa? (Corriere della Sera)

Continuando com a imagem da Igreja como hospital de campanha, seria desejável que cada um se tornasse *hospital* para aqueles que estão ao seu lado. Os fiéis do Opus Dei, na sua vida no meio do mundo, todos os dias se veem interpelados por essas feridas. O desafio é tornarem-se melhores *samaritanos*, homens e mulheres que arregaçam as mangas e usam a sua criatividade e empenho para ajudar a resolver os problemas dos outros como se fossem próprios. A caridade nunca é teórica ou genérica; cada pessoa é importante, pois Cristo morreu por ela.

A tragédia vivida pelos refugiados e migrantes é uma das principais preocupações do Papa Francisco. Como ajuda o Opus Dei estas pessoas? (L'Osservatore Romano)

Os sofrimentos e necessidades destes nossos irmãos são uma contínua chamada ao serviço e à oração, a atuar como o «bom samaritano» da parábola evangélica. Como muitos outros cristãos, as pessoas do Opus Dei procuram encontrar modos de ajudar essas pessoas no corpo e no espírito. Estão em curso iniciativas muito variadas. Recentemente, contaram-me que várias famílias francesas acolheram famílias inteiras provenientes do Iraque. E de um professor de uma escola alemã, na bacia do Ruhr, que se dedica a orientar refugiados da Síria para que se integrem bem no sistema educativo alemão. E outras ajudas simples, como a de um grupo de famílias de Vigo (Espanha) que se reúnem para confeccionar roupa de agasalho e cobertores que enviam para campos de refugiados, ou o trabalho de um grupo de universitárias da Áustria que se ocupam da integração de imigrantes e refugiados que chegam ao país: ensinam-lhes a língua, põem-nos em contacto com famílias da zona, acompanham-nos a fazer as diligências burocráticas. Os exemplos seriam infinitos e, mesmo assim, parecem sempre poucos.

Nos refugiados e migrantes encontramos Jesus Cristo que padece na sua carne. A ajuda a essas pessoas pode ser maior ou menor; dependerá das circunstâncias de cada um; mas deve ser concreta, como é concreto o amor de Cristo.

Como referiria os desafios que temos nós, os leigos de hoje?

(Diócesis de Málaga)

Muitos pensadores dizem de que na nossa sociedade as relações interpessoais se tornaram líquidas, como que submetidas ao vaivém do imediato e do superficial. Essas relações contribuem para gerar corações vazios. Nós, os cristãos, devemos trabalhar pelo que perdura, por ideais belos e definitivos, e por isso penso que o desafio mais importante que tem a Igreja – e a sociedade no seu todo – é dar esperança a cada pessoa, especialmente aos jovens, às famílias, e aos que padecem maiores necessidades materiais ou espirituais.

Para superar este desafio, apesar dos nossos defeitos e limitações, é importante pôr diante dos olhos de muitas pessoas a luz do amor de Jesus: levar Cristo aos ambientes em que nos movemos, respeitando a liberdade das consciências. É a tarefa missionária dos cristãos de todos os tempos. Dar deste tesouro será um ato mais autêntico se formos capazes de mostrar empatia para com os outros, se soubermos dilatar o nosso coração para nele caberem as necessidades e as penas, os medos e os sofrimentos das mulheres e dos homens do nosso tempo, a começar pelos mais próximos e pelos mais fracos.

b) Homilias

- [2. Quinta- Feira Santa \(18-4-2019\)](#)
- [3. Sexta-feira Santa \(19-4-2019\)](#)
- [4. Vigília Pascal \(20-4-2019\)](#)
- [5. Em memória do Beato Álvaro del Portillo \(12-5-2017\)](#)
- [6. Em memória do Beato Álvaro del Portillo \(11-5-2019\)](#)
- [7. Missa de ação de graças pela beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri \(19-5-2019\)](#)
- [8. Missa de ação de graças pela beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri \(21-5-2019\)](#)
- [9. Em memória de S. Josemaria \(26-6-2018\)](#)
- [10. Em memória de S. Josemaria \(26-6-2019\)](#)
- [11. Inauguração do ano académico de 2019-2020 da Pontificia Universidade da Santa Cruz \(7-10-2019\)](#)
- [12. Primeiro aniversário do falecimento de D. Javier Echevarría \(12-12-2017\)](#)

1. Entrada solene na igreja prelatícia (27-1-2017)

Benedictus Dominus qui dedit requiem populo suo (1 Rs 8,56). Estas palavras, que escutámos na primeira leitura, referiam-se ao povo de Israel e aplicamo-las agora a dar graças ao Senhor por esta paz que é,

para nós, a unidade da Obra. A unidade da Obra que o Senhor nos concede, a Ele a agradecemos; unidade que é fonte de verdadeira paz.

Simultaneamente apercebemo-nos, e devemos habitualmente ter consciência, de que esta paz é o próprio Jesus. Como escreve S. Paulo, *Ipse enim est pax nostra* (Ef 2, 14): Ele é a nossa paz. A unidade depende fundamentalmente da graça de Deus, que não nos faltará nunca, mas depende também de nós, na medida em que estivermos mais unidos a Jesus Cristo. Ele é a nossa paz; Ele é a fonte da nossa unidade no Espírito Santo.

Na segunda leitura, escutámos umas palavras que S. Josemaria meditou muitas vezes e nos aconselhou a meditar: *Elegit nos in Ipso ante mundi constitutionem ut essemus sancti* (Ef 1, 4). *Elegit nos in Ipso*: em Cristo. Uma vez mais, a identificação com o Senhor, como filhas e filhos de Deus Pai. Esse é o fundamento do nosso espírito: saber-nos, saber-nos verdadeiramente filhas e filhos de Deus, que é fonte de paz para as nossas almas e para poder ser, em todas as circunstâncias, semeadores de paz e de alegria.

É lógico que hoje meditemos em quem é o Padre na Obra. Entre as condições que S. Josemaria indicou para o Padre, tanto nos *Statuta*, como aqui, gravadas na sede desta igreja, está a prudência: prudência que eu vos rogo que peçaís ao Senhor para mim. Prudência, que é a virtude própria do governo. Uma prudência também para todas e para todos, porque o que é para o Padre convém a todos. Prudência para ser, em todo o momento, muito fiel ao espírito da Obra, perante as circunstâncias variáveis do tempo e dos lugares.

Que o Padre tenha sempre a prudência de ser fiel, fidelíssimo, ao espírito do nosso Padre, que é o espírito que Deus quis para nós.

Outra característica, que tem de ter o Padre, é a piedade, ser muito piedoso. Recordareis que S. Josemaria assegurava que a piedade é “o remédio dos remédios». Pedi, pois, que o Padre seja piedoso, que todas sejais piedosas, e que, com a vossa piedade, apoieis a piedade do Padre, para que todos formemos com o Senhor uma unidade de cabeça, de coração, de intenções.

Outra característica é o amor à Igreja e ao Papa. Quantas vezes o Padre, D. Javier, insistiu, como fazia o Beato Álvaro e como fez S. Josemaria, que rezemos muito, muito, pela Igreja e pelo Papa. Pedi, então, ao Senhor que o Padre, agora e sempre, torne realidade esse lema do nosso fundador: *Omnes cum Petro ad Iesum per Mariam!* Que, verdadeiramente, vamos todos muito unidos ao Papa, agora Francisco, a Jesus, por Maria.

Temos de considerar estas características um pouco à pressa, porque cada uma delas daria para várias homilias... Outra que indicava S. Josemaria é o amor do Padre ao Opus Dei e a todas as suas filhas e filhos. Por isso, peço-vos que rezeis por mim, para que se torne também realidade na minha vida o texto da Escritura: *Dilatatum est cor meum* (2 Cor 6, 11); que se dilate o meu coração. E isso vale para todas e para todos. Tantas vezes o Padre, D. Javier, nos dizia: “Que vos ameis, que vos ameis!”. É com a verdadeira fraternidade que vamos todos unidos; uma fraternidade que nasce do coração de Cristo.

No ano de 1933 - já o tereis lido nalguma biografia ou nalgum sítio - o nosso Padre dirigiu ao Senhor uma oração, que fazemos agora também nossa: “Senhor! Faz-me tão teu, que não entrem no meu coração sequer os afetos mais santos, se não for através do teu coração chagado!”. E é assim: para querer bem deveras a todas as pessoas, e antes de mais aos que formamos esta família magnífica que Deus nos deu, temos que passar pelo coração de Jesus Cristo.

Consideremos agora brevemente o Evangelho de hoje: a Visitação. Todos os dias contemplamos no Terço esta cena maravilhosa de entrega generosíssima da Virgem. Que Ela nos ajude a ser assim, generosos no serviço; e pedi que o Padre seja também assim: servidor de todos, porque a autoridade é serviço e, se não fosse serviço, não serviria para nada: que seja sempre serviço.

O magnificat da Virgem: Magnificat anima mea Dominum.

Louvamos o Senhor com estas palavras da Virgem. E, ao mesmo tempo, recordando aquilo que em certa ocasião dizia Bento XVI, podemos entender este *magnificat* como “tornar Deus grande nas nossas almas” (Bento XVI, homilia de 15 de agosto de 2005). Que demos ao Senhor todo o espaço do nosso coração, e assim teremos também um impulso apostólico grande, um afã de almas... ia a dizer “que não nos deixe viver”: que nos deixe viver, levando-nos continuamente a procurar o bem das almas por amor a Jesus Cristo.

Vamos pedir tudo isto à Virgem, Mãe da Igreja, Rainha do Opus Dei: colocamos toda a Obra na sua mediação materna, para que esta nova página da nossa história. com a sua ajuda, seja sempre - continue a ser

- a história das misericórdias de Deus. Assim seja.

2. Quinta- Feira Santa (18-4-2019)

Na primeira leitura da Missa, recordámos a instituição da Páscoa judaica, que comemorava a libertação do povo de Israel da escravidão a que estava submetido no Egito. Séculos mais tarde, Jesus escolheu precisamente os dias em que se fazia memória desta libertação para celebrar, durante a Última Ceia, a *sua* Páscoa instituindo a Eucaristia. É o que S. Paulo relata na segunda leitura. As palavras que Cristo pronunciou naquela noite, e que nós, os sacerdotes, repetimos em cada Missa, converteram o pão e o vinho no seu Corpo e no seu Sangue: “Isto é o meu corpo, que é para vós... Este cálice é a Nova Aliança no meu sangue” (1 Cor 11, 24-25). Que relação tem tudo isto com a nossa própria vida? Não aconteceu longe demais de aqui, longe demais dos nossos problemas?

Estamos a começar o Tríduo Pascal. Viestes a Roma para viver, com maior intensidade, estes três dias que são os mais importantes do ano para um cristão. A libertação do povo de Israel, guiado por Moisés, foi uma imagem do que depois significou a Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus para toda a Humanidade. Por isso, tem a ver com cada um de nós. Na escravidão a que estava submetido o povo judeu, podemos ver uma imagem da escravidão a que o pecado submete. E, na liberdade de Israel, anunciava-se de algum modo uma liberdade nova e mais alta: a liberdade dos filhos de Deus, que conquista para cada um de nós a graça de Jesus Cristo.

Mas podemos fazer-nos outra pergunta: Preciso realmente de ser libertado? Não faço normalmente o que quero? S. Paulo, que desde muito novo procurou Deus por caminhos até contrários ao cristianismo, escreveu: “Querer o bem está ao meu alcance, mas realizá-lo, isso não. É que não é o bem que eu quero que faço, mas o mal que eu não quero” (*Rm 7, 18-19*). É a experiência da falta de forças para fazer todo o bem necessário. Precisamos de que Jesus Cristo cure definitivamente a nossa própria liberdade; e foi na Cruz que conseguiu a nossa mais profunda libertação: a libertação do pecado, que nos purifica a alma para podermos descobrir a nossa verdadeira identidade de filhos de Deus.

A Eucaristia “é o sacrifício da Cruz que se perpetua pelos séculos” (*Enc. Ecclesia de Eucharistia*, n. 11). Em cada Santa Missa, cuja instituição hoje celebramos, faz-se presente de forma sacramental este sacrifício de salvação. Por isso, a liberdade que Cristo ganhou para nós com a sua Paixão, Morte e Ressurreição, não está longe no tempo nem geograficamente; e, ao mesmo tempo, a Eucaristia já é penhor de vida eterna. Como S. Josemaria explica: “Comungar o Corpo e o Sangue de Nosso Senhor é, de certo modo, desligar-nos dos laços de terra e de tempo, para estar já com Deus no Céu” (*Entrevistas a S. Josemaria*, n. 113).

Podemos experimentar a liberdade que Cristo ganhou para nós na força que se nos comunica especialmente através dos sacramentos. Como um Padre da Igreja escreveu há séculos, quando os primeiros cristãos se reuniam para celebrar a Eucaristia, no meio de muitas

perseguições, aí estava verdadeiramente presente *o sinal da liberdade*. (Ireneu de Lião, *Adversus Haereses*, IV, 18, 2) Nesta noite, ao visitar Jesus sacramentado nas igrejas de Roma, podemos pensar: na Eucaristia está a minha verdadeira liberdade.

Nesta noite, em que recordamos também a instituição do sacerdócio e o lava-pés dos Apóstolos, peçamos a nossa Mãe Santa Maria que nos ajude a contemplar, admirar, agradecer e viver com fé e amor o nosso encontro com Jesus na Eucaristia. Assim seja.

3. Sexta-feira Santa (19-4-2019)

No relato da Paixão que lemos, escrito por S. João, testemunha presencial dos acontecimentos, encontramos quatro cenas em que podemos escutar palavras pronunciadas diretamente por Jesus: no Horto das Oliveiras, interrogado em casa de Anás, durante os diálogos com Pilatos e, finalmente, do alto da Cruz. Os Evangelhos recolhem muitos momentos em que Deus feito homem falou na nossa língua: desde aquele primeiro diálogo com sua Mãe, quando ainda só tinha doze anos, até ao longo discurso de despedida na Última Ceia. Temos sermões, parábolas, explicações, que sempre nos dirão coisas novas. Porém, as palavras que saem do coração de Jesus na Cruz afetam-nos de um modo especial. Desta vez gostava de me fixar numa dessas frases: *Tenho sede!* (Jo 19,28).

Do ponto de vista físico, com o corpo em chaga, certamente Jesus

teria sentido sede muito tempo antes. Além disso, provavelmente, não teria comido nem bebido desde que fora preso. E, acima de tudo, sabemos que, minutos antes de ser crucificado, lhe ofereceram uma bebida narcótica para mitigar um pouco as dores, mas Cristo não a tomou (*Mt 27,34; Mc 15,23*). Porquê agora, já cravado no madeiro por amor de nós, a poucos instantes de morrer, volta Jesus a manifestar a sua sede?

Por um lado, diz-nos o próprio S. João: *Para se cumprir totalmente a Escritura (Jo 19,28)*. São momentos em que Jesus quis carregar com os nossos pecados, com os nossos sofrimentos, com as nossas debilidades. O Evangelho diz-nos que o Senhor, ao dizer *tenho sede*, sabia que já tudo estava consumado (cf. *Jo 19,28*). Nesses momentos de máxima dor, Jesus pensava em cada um de nós. Por isso, S. Tomás de Aquino comenta que com essa sede intensíssima, de quem está quase completamente desidratado, Jesus quis manifestar *o seu ardente desejo* de nos salvar (cf. *Super Ioan., cap. 19, l. 5*). Por outras palavras: essa sede de quem está entre a vida e a morte é a imagem de quanto Jesus nos ama, de quanto quer que lhe abramos o nosso coração. É difícil escutar estas palavras, compreender o seu sentido, e passar ao largo. Aproveitemos esta Semana Santa em Roma, onde podemos até admirar algumas relíquias da Santa Cruz, para nos deixarmos interpelar por estas palavras de Cristo. Que no fundo da nossa alma possamos dizer: Jesus, quero verdadeiramente saciar um pouco a tua sede! Jesus, ajuda-me a corresponder ao teu amor!

Tínhamos perguntado: Por que manifestou Jesus a sua sede? O

Evangelho de S. João deixou-nos outra cena em que o tema da sede de Cristo também é central: Quando Cristo, cansado do caminho, pede água a uma mulher samaritana. Se lermos esta passagem completa, damos-nos conta de que Jesus está a pensar na salvação daquela mulher. A sede do Senhor é uma sede que só se sacia com a paz da alma que encontra no seu caminho. A cena termina com a conversão da samaritana. E não só isso; depois ela volta à sua cidade, dizendo: *Vinde ver um homem que me disse tudo o que eu fiz! Não será Ele o Messias?* (Jo 4,29). A sede de Jesus transformou rapidamente uma mulher, que nem sequer partilhava completamente da fé de Israel, num apóstolo.

A sede de Cristo envolve todos por igual, incluindo os que ainda não O conhecem e aqueles que estão um pouco afastados: do alto da Cruz é impossível ver as pessoas de maneira superficial. A sede de Jesus envolve os nossos amigos, as nossas famílias, todas as pessoas que nos rodeiam. É significativo que a inscrição que Pilatos mandou colocar sobre a Cruz, como causa da condenação, tenha sido escrita nos três idiomas principais daquele tempo: hebraico, latim e grego. É uma imagem do amor de Cristo na Cruz, que não se pode conter numa só língua.

Estamos aqui pessoas de lugares muito diferentes, mas a todos a Cruz de Cristo nos fala por igual. Dizia S. Josemaria: "Do alto da Cruz clamou: *sitio!*, tenho sede. Sede de nós, do nosso amor, das nossas almas e de todas as almas que devemos levar até Ele." (*Amigos de Deus*, n. 202). Encontramo-nos aqui, nesta celebração litúrgica,

porque Deus quis ter-nos um pouco mais perto. Agradecemos ao Senhor ter-nos chamado a esta grande tarefa de saciar a sua sede, apesar de todas as nossas fraquezas.

Dentro de minutos teremos a Adoração da Cruz; acompanhemos esse gesto de ajoelhar e beijar a Cruz com um forte desejo interior de não esquecer o que Jesus fez por nós. Que as imagens da Cruz que vemos ao longo do nosso dia, na nossa mesa de trabalho, no nosso quarto, num quadro, nos recordem estas palavras de Cristo que meditámos - *Tenho sede!* - e a missão de levar até ao Senhor as pessoas com quem nos encontramos no caminho. Para tudo isto pedimos ajuda a Maria, nossa Mãe, que escutou diretamente as palavras de Jesus. Conforta-nos a convicção de que, tal como Ela nunca se separou de seu Filho, nem sequer nos momentos mais difíceis, também nunca se separa de nós. Assim seja.

4. Vigília Pascal (20-4-2019)

O Evangelho, que acabamos de ouvir, indica a hora aproximada em que as mulheres correram para o sepulcro: “ao romper da alva” (Lc 24,1). Tinha morrido Jesus, que tanto amavam; tinha sido crucificado quem, desde que O encontraram, enchera de sentido a vida de cada uma. De repente, o mundo voltara a ser um lugar vazio e confuso para estas mulheres. Nas últimas noites talvez tivessem tido medo de ser descobertas como seguidoras daquele a quem

condenaram à morte. O Papa, durante a Vigília Pascal do ano passado, chamou a esses momentos difíceis, “as horas do discípulo emudecido”. E esta talvez possa ser a mesma sensação que também nós teremos, se estivermos um pouco afastados de Deus ou se nos parecer que os problemas da nossa família, da Igreja ou do mundo, são grandes demais; se, enfim, nos invade um pouco de insegurança.

Contudo, no Prefácio Pascal, unimo-nos à exclamação de toda a Igreja: *Haec nox sicut dies illuminabitur*. Esta noite será clara como o dia. Sem que dependa das nossas forças, vem uma luz dissipar as trevas, tal como o fogo do círio pascal, imagem de Cristo, pouco a pouco, acendendo as velas, devolveu a luz a esta igreja de Santa Maria da Paz.

“Cristo, ressuscitado de entre os mortos, já não morrerá” (*Rm 6,9*), diz-nos S. Paulo na epístola que lemos. Por isso, as mulheres que se aproximaram do sepulcro, depois de tantas horas de solidão, podem estar tranquilas: Jesus nunca as abandonará. E isso é o que faz com que esta noite brilhe mais do que qualquer outra. Não existe obscuridade que a ressurreição de Cristo não possa iluminar. Não existe nenhuma preocupação tão grande, que nos faça esquecer que Cristo é mais forte do que o mal, o pecado e a morte. Como S. Josemaria escreveu: “Jesus Cristo vence sempre” (*Forja*, n. 660). Podemos perguntar-nos: recordo frequentemente a Ressurreição do Senhor, que é o fundamento da nossa fé? Tenho consciência, no meio das minhas dificuldades, de que Cristo vive e está perto de mim?

Jesus vive! Isto é o que os anjos dão a compreender às mulheres que

acorreram ao sepulcro. - “Porque buscais entre os mortos o que está vivo?” (*Lc 24, 6*). Nesse momento, talvez as palavras do Mestre venham à sua memória, as relacionem com o que veem, e assimilem a verdade do anúncio: Jesus está vivo. Então a sua atitude muda completamente: de estar “emudecidas”, como se não tivessem nada dentro a partilhar, passam a transbordar de alegria. Como diz o profeta Ezequiel numa das leituras, mudam o seu coração de pedra por um coração de carne (cf. *Ez 11,19*), por um coração que pensa imediatamente nos outros. Precisam de correr. Não podem esperar nem mais um segundo sem comunicar esta notícia aos Apóstolos.

Peçamos ao Senhor que esta Páscoa seja para nós o mesmo que foi para aquelas santas mulheres. Que encontremos em Cristo ressuscitado a alegria para despertar as pessoas que nos rodeiam para a felicidade. Deus conta com a nossa vida para dissipar o medo daqueles que, por uma ou outra razão, duvidam da força de Jesus para vencer a morte e o mal.

E qual é a primeira reação dos Apóstolos? Como reagem esses homens que, com o tempo, terão a valentia de ir por todo o mundo anunciar a Ressurreição de Jesus até ao martírio? Curiosamente, eles pensam que as palavras das mulheres são um desvario (cf. *Lc 24,11*). Tão profundo era o seu desânimo! Acham impossível que isso tenha acontecido. Mas Cristo ressuscitado destruiu todos os cálculos pessimistas. Daí a pouco tempo, estavam eles a falar abertamente de Jesus em suas casas, nos seus locais de trabalho, nas praças públicas. Passados anos, iriam por muitos caminhos até chegarem a Roma, a partir donde se difunde a

notícia da Ressurreição para todo o mundo conhecido, certamente com muitas dificuldades e perseguições.

Haec nox sicut dies illuminabitur. Tínhamos dito, unindo-nos a toda a Igreja no Prefácio Pascal, que esta noite será clara como o dia. Esta noite não é noite. Enchamo-nos de alegria como a daquelas mulheres, porque Jesus está vivo, porque nunca mais estaremos sós. Enchamo-nos de uma alegria como a dos apóstolos, que se renove cada dia, e que nos permita levar a mensagem da Ressurreição, de Roma, a todos os cantos do mundo, especialmente às pessoas que temos mais perto. S. Josemaria gostava de pensar que a primeira pessoa que Cristo ressuscitado terá visitado foi a sua Mãe. Peçamos a Maria que, quando estiver a despontar em nós o desânimo no nosso caminho, quando nos chegar “a hora do discípulo mudo”, nos recorde que Jesus vence sempre. Assim seja.

5. Em memória do Beato Álvaro del Portillo (12-5-2017)

Acabamos de acompanhar o cântico do Salmo 23 com uma oração feita de escuta e de resposta: «O Senhor é meu pastor: nada me falta» (Sl 23 [22],1). Estas palavras, com que o salmista convida cada um de nós a confiar em Deus, têm efetivamente profundas raízes no nosso coração? Estamos convencidos de que nada nos falta, porque Ele está próximo de nós, porque Ele é o nosso pastor, porque Ele, de facto, nos conhece e compreende? Pedimos-lhe, pelo menos, que torne cada vez mais sólida e forte em nós essa convicção? Far-nos-á bem meditar com

frequência estes versículos cheios de confiança: «faz-me descansar em verdes prados, conduz-me a águas refrescantes. Reconforta a minha alma» (Sl 23 [22],2). Ele, e só Ele, pode oferecer ao nosso coração o descanso de que necessita. Aqueles de nós que conheceram o Beato Álvaro estão de acordo em sublinhar um aspeto da sua figura que - e percebia-se rapidamente - era bem mais do que um traço da sua personalidade: a paz e a serenidade. Não era, e queria sublinhá-lo, simplesmente temperamental: se conseguia difundir a paz onde estava, era porque se refugiava na paz e na fortaleza de Deus. D. Álvaro foi um bom pastor que se encarregou do rebanho do Opus Dei, porque se deixava guiar e proteger por Jesus, o Bom Pastor que conhece as suas ovelhas (cf. Jo 10,14). Peçamos ao Senhor, por intercessão do Beato Álvaro, que nos ajude a ser homens e mulheres de paz: nos nossos dias, em que se nota frequentemente uma forte ausência de paz na vida social, no trabalho, na vida familiar... é cada vez mais necessário que os cristãos sejam, com expressão de S. Josemaria, "semeadores de paz e de alegria". A paz do mundo depende talvez mais da nossa disposição pessoal, habitual e perseverante, por sorrir, perdoar e não nos darmos importância, do que das grandes negociações entre os Estados, por muito importantes que sejam. Mesmo nos momentos difíceis da vida do mundo e da Igreja não faltou ao Beato Álvaro a serenidade, que junto com a sua prudência e fortaleza, lhe conferiram a têmpera de bom pastor. Desse modo, foi para muitos um guia seguro e um verdadeiro Padre. Podem ser-lhe aplicadas sem dúvida as palavras com que S. Josemaria uma vez abriu o coração a um grupo de fiéis do Opus Dei: «As vossas preocupações, as vossas penas, os vossos empenhos, são para mim uma contínua

chamada. Queria, com este meu coração de pai e de mãe, levar tudo sobre os meus ombros» (6-10-68). Assim viveu D. Álvaro, com a atitude de que nos falam também as palavras do profeta que acabamos de escutar: «Como o pastor se preocupa com o seu rebanho, quando se encontra entre as ovelhas dispersas, assim me preocuparei Eu com o meu. Reconduzi-lo-ei de todos os sítios por onde tenha sido disperso, num dia de nuvens e de trevas» (Ez 34,12). São muitas as manifestações da sua caridade pastoral, testemunhada pelas pessoas mais diversas: todas encontravam lugar no seu coração e na sua dedicação, para além das limitações físicas devidas ao cansaço, à doença ou à idade. O decreto que reconheceu as virtudes heroicas de D. Álvaro concentra na fé o seu fio condutor: «fidelidade indiscutível a Deus, no cumprimento pronto e generoso da sua vontade; fidelidade à Igreja e ao Papa; fidelidade ao sacerdócio; fidelidade à vocação cristã em cada instante e em cada circunstância da vida». Jesus espera também de nós que O sigamos fielmente: fiéis à vocação cristã, ao compromisso de crescer progressivamente na identificação com Jesus Cristo, mas múltiplas atividades da vida quotidiana, com a força que recebemos na escuta da Palavra de Deus, na oração e na receção dos sacramentos, especialmente o da Penitência e o da Eucaristia. Devemos mostrar a muitos que Deus os ama, que por eles - por cada um de nós – Cristo deu a vida na Cruz. Em palavras do Papa Francisco: «A alegria do encontro com Ele e do seu chamamento leva a não nos fecharmos, mas a abrir-nos; leva ao serviço da Igreja». Em janeiro de 1989, durante uma peregrinação a Fátima, o Beato Álvaro dirigiu a Nossa Senhora uma oração em voz alta. Disse-Lhe: «Sei que sempre nos ouves, mas ainda assim viemos de Roma para te dizer o

que já sabes: que te amamos, mas queremos amar-te mais. Ajuda-nos a servir a Igreja como ela quer ser servida: com todo o coração, com entrega absoluta, com lealdade e fidelidade». Pedimos-te, Beato Álvaro, que nos obtenhas do Senhor esta graça: servir a Igreja por amor de Deus, cada um a partir do seu próprio lugar no mundo, com os seus compromissos, com os seus projetos, com as suas dificuldades. Quis ler-vos estas palavras do Beato Álvaro justamente hoje, véspera do Centenário das Aparições de Nossa Senhora de Fátima. O Santo Padre deslocou-se a esse lugar tão querido de todos os cristãos. Hoje também nós podemos assomar-nos à Cova da Iria, nesta Missa. E no mês de maio, especialmente dedicado a Maria, façamo-lo também com o Terço, a oração preferida da Virgem. Enquanto acompanhamos o Papa Francisco na sua viagem, dirijamos à nossa Mãe as palavras com que ele consagrou o mundo à Virgem de Fátima em outubro de 2013: "Guarda a nossa vida entre os teus braços: abençoa e reforça todo o desejo de bem; reaviva e alimenta a fé; apoia e ilumina a esperança; suscita e anima a caridade; guia-nos a todos nós pelo caminho da santidade" (Papa Francisco, Cerimónia da consagração a Nossa Senhora de Fátima, 13 outubro 2013)». Assim seja.

6. Em memória do Beato Álvaro del Portillo (11-5-2019)

Celebramos a festividade do beato Álvaro del Portillo, o queridíssimo D. Álvaro. Passaram quase cinco anos desde a sua beatificação. O

tempo passa rapidamente, mas conservamos bem na memória aqueles dias de alegria, vividos em Madrid. São muitos os aspetos em que nos poderíamos fixar ao recordar a vida daquele que foi o primeiro sucessor de S. Josemaria. Gostava de me deter agora na sua confiança em Deus.

Os textos da Missa de hoje, ao delinear a figura do bom pastor, falamos deste aspecto. Na primeira leitura, escutámos palavras do profeta Ezequiel. A situação do povo de Israel atravessava um momento muito crítico. Jerusalém tinha sido destruída e grande parte do povo deportada para o estrangeiro. Os israelitas esperavam alguém capaz de os levar de regresso para a sua terra. Porém, os planos de Deus superam sempre os nossos cálculos. Desta vez, diz pela boca de Ezequiel: “Eu mesmo cuidarei das minhas ovelhas. (...). E me interessarei por elas. (...). Cuidarei a que está ferida e tratarei da que está doente” (Ez 34,11-16). O profeta, surpreendentemente, vai muito além do que os seus contemporâneos podiam esperar: anima o povo a pôr a esperança diretamente em Deus e não em soluções meramente humanas. D. Álvaro era uma pessoa de grandes qualidades naturais e sobrenaturais. Sabia que a graça de Deus podia fazer na sua vida muito mais do que ele conseguia imaginar. Ao ser eleito para presidir no Opus Dei, dizia: “Tenho umas dificuldades enormes, que são todos os meus pecados, pequenez e miséria. Mas sei que Deus Nosso Senhor (...) dá graças proporcionais ao que pede a cada um”.

No Evangelho que ouvimos, Jesus apresenta-se como Bom Pastor. E aos motivos que o profeta nos tinha indicado para confiar em Deus,

acrescenta mais um: o Pastor “dá a sua vida pelas ovelhas” (*Jo* 10,11). Assim, a imagem do pastor atinge o seu sentido mais profundo: é Cristo quem nos procura para nos carregar às suas costas; Cristo é quem limpa e cura as nossas feridas; Cristo é o próprio Deus que dá a sua vida na Cruz por nós. Depois de ter proclamado isto no Evangelho, como não confiar num Deus que dá a vida por nós?

O Papa tem-nos animado, em várias ocasiões, a ter presente que, como escreve S. Paulo, Deus é quem opera na nossa vida, tanto o querer como o agir bem (cf. *Fl* 2,13). Por vezes, sobretudo em algum momento de desânimo, pode acontecer que confiemos pouco na graça de Deus e tentemos apoiar-nos noutras seguranças (cf. *Gaudete et exsultate*, nº 50): nas nossas forças, nas nossas ideias, nos nossos planos. O Senhor conta com tudo isso, mas também nos diz: Eu sou o Pastor em quem podes confiar. Pode existir algo mais eficaz do que a Sua própria força?

Neste sentido, o beato Álvaro utilizava frequentemente uma jaculatória, que é uma clara manifestação desta confiança no poder de Deus. A jaculatória era: “Obrigado, perdão, ajuda-me mais”. São palavras que manifestam gratidão perante o que não merecemos, reconhecimento da própria debilidade, e petição da força necessária para alcançar a maior felicidade, que é a união com Deus. São palavras que estão entre as primeiras que as mães ensinam aos seus filhos pequenos. Peçamos a Deus esse coração de crianças que se sabem realmente incapazes sem a ajuda de seu pai. S. Josemaria, quando nalguma reunião familiar se referia à sua necessidade da graça de

Deus, dizia que vivia “com as mãos estendidas”, pedindo esmola ao Senhor.

Peçamos, por intercessão de D. Álvaro, que a nossa confiança no amor de Deus por nós seja cada dia mais profunda, como foi a sua. Assim podemos compreender melhor que o Senhor Jesus, Bom Pastor, é quem nos guia e enche a nossa vida de frutos sobrenaturais, que nos chegam sempre pela mediação materna de Santa Maria. Assim seja.

7. Missa de ação de graças pela beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri (19-5-2019)

O presente tempo litúrgico é caracterizado pela alegria da ressurreição de Jesus Cristo. Recordamos ainda a experiência daquele jovem discípulo que, diante do sepulcro vazio de Jesus, “viu e acreditou” (*Jo 20,8*). Foi o acontecimento mais decisivo da história: Deus que se faz homem e vence o pecado e a morte. Um acontecimento decisivo para a vida de cada um de nós. E hoje, com esta alegria pascal, agradecemos a Deus pela beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri, proclamada pelo Papa Francisco como modelo de santidade.

No salmo da Missa, elevamos um cântico de alegria: “Que todas as tuas obras te louvem, Senhor (...) e falem do teu poder” (*Sal 144, 10-*

11). Deus realizou inúmeros prodígios ao longo da história, sobretudo a Encarnação redentora do Filho de Deus em Jesus Cristo, no qual nos foi plenamente revelado que “Deus é amor” (1 Jo 4, 8).

Os prodígios de Deus não acabaram; o seu poder continua a manifestar-se na história. São Josemaria gostava de recordar, com palavras do profeta Isaías: *Non est abbreviata manus Domini* (Is 59,1): “não se tornou mais curta a mão de Deus: Deus não é hoje menos poderoso do que em outras épocas” (É Cristo passa, n. 130). Cada santo é um prodígio de Deus; um modo de estar presente no nosso mundo; é “o rosto mais belo da Igreja” como escreveu o Papa Francisco (Francisco, *Gaudete et Exsultate*, n. 9).

Guadalupe Ortiz de Landázuri é a primeira pessoa leiga do Opus Dei proposta pela Igreja como modelo de santidade. O seu fundador, São Josemaria, e o seu primeiro sucessor, o Bem-aventurado Álvaro, já tinham sido propostos antes. Isto recorda-nos especialmente o chamado que Deus faz a todos nós para sermos santos, como São Josemaria pregou desde 1928 (cfr. *Lumen Gentium*, cap. V). É o que a nova bem-aventurada procurou levar às pessoas que a rodeavam: a convicção de que a união com Deus está, com a graça divina, ao alcance de todos, nas circunstâncias da vida diária.

Aos trinta e sete anos, do México, Guadalupe explicava numa carta ao fundador do Opus Dei: “Quero ser fiel, quero ser útil e quero ser santa, mas a realidade é que ainda falta muito (...). Mas não desanimo, e com a ajuda de Deus e o seu apoio e o de todos, espero que consiga vencer” (Carta de 1 de fevereiro de 1954). Essa breve nota, “Quero ser santa”, é

o desafio que Guadalupe aceitou para sua vida e que a encheu de alegria. E para conseguir isso, ela não teve de fazer coisas extraordinárias. Aos olhos das pessoas ao seu redor, ela era uma pessoa comum: preocupada com sua família, indo daqui até lá, terminando uma tarefa para começar outra, tentando corrigir seus defeitos aos poucos. Ali, nessas batalhas que parecem pequenas, Deus realiza grandes prodígios. Ele também quer realizá-los na vida de cada um de nós.

As leituras desta Missa também nos levam a considerar algumas atitudes próprias do cristão. Na primeira, vemos Paulo e Barnabé visitando comunidades cristãs que foram formadas durante aqueles primeiros anos. Os dois se esforçavam fazia pouco tempo para tornar Cristo conhecido a todos os tipos de pessoas. As pessoas recebiam o seu testemunho com surpresa: às vezes com entusiasmo, até mesmo acreditando que eram deuses (cfr. At 14,11), e outras vezes com rejeição violenta. Desta vez, por exemplo, Paulo tinha acabado de ser apedrejado em Listra por uma multidão agitada por pessoas vindas de Icônio e Antioquia. Depois de ter sido espancado, foi arrastado para fora da cidade e abandonado ali, pensando que estava morto (cfr. Atos 14:19). No entanto, a leitura de hoje é surpreendente: diz-nos que “ Paulo e Barnabé voltaram para as cidades de Listra, Icônio e Antioquia. Encorajando os discípulos, eles os exortavam a permanecerem firmes na fé” (Atos 14,21-22). Não se contentavam em reservar para si mesmos a alegria de ter recebido Cristo em suas vidas. Eles precisavam contar ao mundo que havia uma paz mais profunda que finalmente tinham encontrado com Jesus. Consideravam que esta

missão era a coisa mais importante, por cima do seu bem-estar material, do seu conforto ou da sua situação social. E isso os leva de volta à cidade, apesar de que ali estivessem aqueles que se opunham à sua mensagem. Regressam para confortar, rezar e oferecer sacrifícios (cfr. At 14, 22-23); não regressam para devolver mal pelo mal, mas – como São Josemaria gostava de repetir – para afogar o mal em abundância de bem (cfr. Sulco, n.º 864).

A Bem-aventurada Guadalupe descobriu também a importância e a alegria de levar às pessoas o consolo da amizade com Cristo. Fê-lo por causa do seu encontro com São Josemaria e com o Opus Dei. E desde então a sua história, em muitas coisas tão semelhante à nossa, começou a transformar-se, mais vivamente, num prodígio de Deus. Ela também teve que fazer numerosas viagens: Madri, Bilbao, México, Culiacán, Monterrey, Tacámbaro, Roma... Também teve que enfrentar tarefas que exigiam muito trabalho, uma doença cardíaca que lhe tirava as forças, uma infinidade de dificuldades cotidianas. Mas compreendeu que o melhor que podia dar era a mesma coisa que São Paulo: chegar à identificação com Cristo, e com Ele e nele consolar com a alegria do Evangelho as pessoas que encontrava no seu caminho. Estar disponível para os outros. Um dia, pensando em toda esta tarefa que a esperava, escreveu a São Josemaria: “E tudo isso, conhecendo a mim como me conhece, não é verdade que é muito para mim? Mas não desanimo nem me assusto, só peço uma oração para que nunca, em nada, por pequeno ou grande que seja, deixe de fazer o que Deus quer” (Carta de 15 de março de 1951).

Também nós teremos dificuldades no caminho: momentos de cansaço, dor física, incompreensões... Então é tempo de recordar a atitude dos santos: encontrar, na nossa relação com Jesus, o modo de animar, consolar e encher de bem o lugar em que estivermos. Neste sentido, na segunda leitura, ouvimos estas palavras do Senhor: “Eis que faço novas todas as coisas” (Ap 21, 5). É apoiando-nos nele que poderemos, apesar de sermos pequenos e fracos, ser para os outros “consolo de Deus”.

No Evangelho desta Santa Missa encontramos o *mandamento novo*: “Amai-vos uns aos outros como eu vos amei”. Jesus mostra que este será o modo de identificar um cristão ao longo dos séculos: se formos portadores do seu amor, com um amor desinteressado a todas as pessoas como filhas do mesmo Pai. Esta foi a principal característica dos santos. A nova bem-aventurada Guadalupe Ortiz de Landázuri pôde construir pontes e oferecer a sua amizade a pessoas de todos os tipos: pessoas distantes da fé, pessoas de países muito diferentes e de idades muito variadas.

Em poucos minutos, serão repetidas as palavras que Jesus disse na Última Ceia. Então, Ele estará presente em seu Corpo, Sangue, Alma e Divindade. Preparemo-nos para recebê-lo e assim nos abriremos mais plenamente aos prodígios que Deus quer realizar através de cada um de nós. Deixemos que o Senhor vá nos transformando através da Eucaristia e continue a escrever a verdadeira história do nosso mundo. Peçamos também à nossa Mãe, *Regina Coeli*, que nos ajude, para que nunca nos falte o desejo de santidade que levou Guadalupe a querer

levar a todo o mundo o amor e o consolo de Jesus Cristo. Que assim seja.

8. Missa de ação de graças pela beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri (21-5-2019)

“Bendiz, ó minha alma, o Senhor, e não esqueças os seus benefícios” (Sl 102, 2). Com este salmo, que cantámos há minutos, manifestámos também a nossa alegria pela beatificação de Guadalupe Ortiz de Landázuri. E, enquanto agradecemos ao Senhor e ao Papa Francisco ter proposto Guadalupe como modelo de santidade, não esquecemos – como nos convida o salmista – todos os benefícios, todas as misericórdias que o Senhor tem para connosco. Olhando para a vida de Guadalupe constata-se que, dentre a riqueza de aspetos que se podem realçar, a sua alegria chama especialmente a nossa atenção. Tratava-se de uma alegria profunda, não superficial, que gerava serenidade nos momentos difíceis, que lhe permitia ser amável com pessoas muito diversas, que era compatível, tanto com o trabalho intenso, como com o descanso... Como podemos conseguir que a alegria seja uma realidade permanente na nossa vida? Essa alegria sobrenatural nasce da união com Deus. Na primeira leitura, vemos que os primeiros cristãos punham à disposição dos Apóstolos todos os seus bens, não só os materiais; podemos imaginar que o fariam também

com os seus talentos pessoais. Esta atitude só pode ser consequência do convencimento de que os nossos próprios planos não são a última palavra: Deus sabe sempre mais. A alegria e a fecundidade de quem confia em Deus foram constantes na história da salvação. Abraão entregou o seu futuro a Deus e veio a ser origem de uma incontável descendência (Gn 12, 1-2). Moisés pôs o seu futuro nas mãos de Deus e libertou o seu povo da escravidão (Ex 3, 2-10). Os profetas entregaram o seu futuro a Deus e converteram-se na sua voz perante o povo (Jer 1,9). Os Apóstolos abandonaram o seu futuro em Deus e vieram a ser as colunas da Igreja (Mt 4, 19). Todos tiveram de superar, de algum modo, os seus cálculos humanos para responder à chamada do Senhor. Nenhum se lançou a um empreendimento absolutamente controlado. S. Josemaria, que se lançou a seguir o querer de Deus para fundar o Opus Dei sem nenhum meio humano, escreveu, justamente durante aqueles primeiros anos, que a alegria sobrenatural “procede de abandonar tudo e de te abandonares nos braços amorosos do nosso Pai, Deus” (*Caminho*, n. 659). Guadalupe estava sempre alegre porque deixou que Jesus a guiasse e que se encarregasse de encher o seu coração. A partir do momento em que viu que Deus a chamava a santificar-se no caminho do Opus Dei, foi consciente de que essa missão não era simplesmente um novo plano terreno, certamente entusiasmante. Deu-se conta de que era algo sobrenatural, preparado por Deus desde sempre para ela. E, deixando-se levar por esta certeza de fé, Deus premiou-a com uma fecundidade que nem sequer podia imaginar e com uma felicidade – o «cem por um», que Jesus prometeu aos seus discípulos – que podemos perceber nas suas cartas recentemente publicadas. O Papa escreveu-nos, dizendo que quando

descobrimos, pela fé, a grandeza do querer de Deus, “recebemos novos olhos, verificamos que há nele uma grande promessa de plenitude e se abre o nosso olhar para o futuro” (*Lumen fidei*, n. 4). Guadalupe, recordando o momento em que se encontrou pela primeira vez com S. Josemaria, escrevia: “Tive a sensação clara de que Deus me falava através daquele sacerdote. (...). Senti uma fé grande, forte reflexo da sua” (M. Eguíbar, 2001, p. 271). Peçamos ao Senhor, por intercessão de Guadalupe, que nos dê e nos aperfeiçoe esses novos olhos da fé, para podermos ver o nosso futuro tal como Ele o faz.

Outra fonte, donde brotava essa alegria sobrenatural que caracterizava Guadalupe, era a sua decisão de servir os outros. Buscar em tudo os gostos pessoais e a comodidade pessoal, poderá parecer a chave para se estar alegre. Contudo, não é assim. Jesus Cristo assinala que quem quiser ser o primeiro, seja o servidor de todos (cf. Mc 9, 35); que Ele mesmo veio à terra para servir (cf. Mt 20, 28); e noutra ocasião insistiu que estava no mundo “como aquele que serve” (Lc 22, 27). E na Última Ceia ajoelhou-Se diante dos seus Apóstolos e lavou os pés de cada um, e depois disse-lhes: “Também vós deveis lavar os pés uns aos outros. (...). Já que compreendeis estas coisas, bem-aventurados sereis se as praticardes” (Jo 13, 14-17). Guadalupe alcançou essa alegria que se desprende dos seus escritos e da sua vida, também porque todas as manhãs, ao acordar, a primeira palavra que dirigia ao Senhor era: Serviam! Servirei! E tratava-se dum propósito que queria viver em cada momento do dia. A alegria de Guadalupe estava na união com Jesus Cristo, que a levava a esquecer-se de si mesma, procurando compreender cada pessoa para a ajudar melhor, optando pelo trabalho

menos agradável para facilitar o dos outros. Na segunda leitura ouvimos S. Paulo dizer-nos: “Considero tudo como perda, comparado com o sublime conhecimento de Cristo Jesus” (Flp 3, 8). Um caminho muito direto para conhecer Cristo é o serviço. S. Josemaria sabia-o bem por experiência própria, quando explicava que “só servindo poderemos conhecer e amar Cristo, e dá-Lo a conhecer e conseguir que outros O amem” (*Cristo que Passa*, n. 182). Não nos deixemos enganar buscando a alegria na nossa própria comodidade. Atrevamo-nos a servir os outros! Com pequenos e grandes atos de serviço parecer-nos-emos cada vez mais com Jesus Cristo, e chegaremos a ter uma alegria sobrenatural, também no meio de dificuldades e sofrimentos.

Por último, fixemo-nos num aspeto que o Evangelho de hoje põe em relevo e que também lança luz sobre a vida de Guadalupe. Jesus, depois de ter apresentado nas bem-aventuranças o caminho para a verdadeira felicidade, convida cada um de nós a ser sal da terra e luz do mundo (Mt 5, 13-14). Não estamos destinados a uma tarefa menos importante nem menos universal que essa: ser sal e ser luz. Como o fogo do círio que iluminou a escuridão na Vigília Pascal, Jesus quer que cada um de nós dissipe as trevas à nossa volta: que, como Guadalupe, levemos aos outros a luz da alegria da nossa amizade e do nosso carinho. Conservemos esse sal do Evangelho, fruto duma fé profunda, para que, ao confiarmos o nosso futuro a Deus, nos alegremos servindo os que nos rodeiam. Numa meditação, S. Josemaria animava-nos, precisamente, a agradecer ao Senhor esse convite a ser sal e luz, “porque – dizia – Se dignou buscar-nos como

um grãozinho de sal, como um pouquinho de luz, para pôr todo o seu sal, toda a sua luz, e conseguir estas maravilhas ao serviço das pessoas, ao serviço da Igreja, em todo o mundo” (Meditação, 2-X-1964). Estes dias, que vivemos ao ritmo da beatificação de Guadalupe, recordam-nos uma vez mais que a santidade – a que o amor de Deus nos chama – é para todos uma possibilidade real. O caminho para essa meta, com a força do Espírito Santo que nos identifica com Jesus Cristo, percorre-se servindo os outros. Pedimos a ajuda da nossa Mãe Santa Maria que, depois de ter dito aquelas palavras – “Faça-se em mim segundo a tua Palavra” (Lc 1, 38) – se levantou e foi apressadamente (Lc 1, 39) servir a sua prima Isabel. Assim seja.

9. Em memória de S. Josemaria (26-6-2018)

“Todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus” (Rm 8,14). Estas palavras de S. Paulo são expressão da mais alta vocação a que somos chamados: ser filhos de Deus. De facto, se, como relata o livro do Génesis, no princípio, o homem recebeu a vida pelo sopro de Deus (cf. *Gen 2,4*). Jesus Cristo enviou-nos de Deus Pai o Espírito Santo, que nos leva a uma nova existência, em que podemos reconhecer a face do Pai e exclamar: "Abba, Pai!" (cf. *Rom 8,15*).

Quantas vezes S. Josemaria meditou estas palavras que a Missa de hoje nos propõe! Um dia, em 1931, sentiu que o Espírito Santo as tinha

posto no seu coração e que brotavam dos seus lábios enquanto estava num elétrico em Madrid. Ele próprio recordou que, por muito tempo, ficou a repetir “Abba, Pai!” pela rua. O Paráclito gravou na sua alma uma nova e mais profunda certeza de saber que era filho de Deus e compreendeu o significado da filiação divina como fundamento da vida espiritual. Abriu-se-lhe um panorama entusiasmante diante dos olhos. Somos filhos de Deus em Cristo! Participantes da eterna filiação do Filho Unigénito de Deus Pai. Hoje podemos perguntar-nos, como nos sugere S. Paulo, se a consciência de sermos filhos de Deus dá forma, impregna todas as dimensões da nossa vida. Considerar com frequência, com fé, a nossa filiação divina ajudar-nos-á a percorrer o caminho da identificação com Cristo, rumo à santidade, dia a dia, com esperança, apesar da nossa fraqueza. Como nos diz S. Josemaria: “Jesus compreende a nossa debilidade e atrai-nos a Si como que por um plano inclinado, desejando que saibamos insistir no esforço de subir um pouco, dia após dia” (*Cristo que passa*, n. 75).

Sentimos a liberdade e a confiança que o facto de sermos filhas e filhos de Deus nos proporciona? Pois não recebemos “espírito de escravos, para recair no medo” (*Rm* 8,15): o medo do fracasso, que às vezes congela os esforços para empreender novas iniciativas de serviço aos outros, o medo de perder as falsas garantias que o comodismo e o egoísmo dão. O medo, enfim, de entrar naquele mar maravilhoso da vida de oração que promete, junto a muitas alegrias, uma existência de entrega, na qual haverá “os sofrimentos do tempo presente”, que, no entanto, “não são comparáveis com a glória futura” (*Rm*, 8,18).

O Senhor diz-nos, como a Pedro: “Faz-te ao largo” (*Lc 5,4*). Que é como se nos dissesse: confia na tua verdade mais íntima, ser filho de Deus, e não tenhas medo de andar pelo mundo, que às vezes se apresenta como um mar agitado. De facto, pode ser que as coisas não saiam como idealmente esperávamos: que no trabalho encontremos contratemplos, que alguma pessoa querida vire as costas a Deus, que se apresentem, enfim, eventos inesperados ou adversos. E as respostas de Pedro podem passar-nos pela cabeça: “Trabalhámos a noite inteira e não apanhámos nada” (*Lc 5,5*) ou “afasta-te de mim, Senhor, porque sou um pecador!” (*Lc 5,8*). Nesses momentos, quanto ajuda fazer um bom tempo de oração, e ouvir como Jesus se dirige a nós quando diz: “Não tenhas medo!” (*Lc 5,10*).

O Papa Francisco diz a cada um de nós: “A santidade, no fundo, é o fruto do Espírito Santo na tua vida (cf. *Gal 5,22-23*). Quando sentires a tentação de te enredares na tua fragilidade, levanta os olhos para o Crucificado e diz-Lhe: Senhor, sou um miserável! Mas Vós podeis realizar o milagre de me tornar um pouco melhor”. (Ex. Ap. *Gaudete et exsultate*, n.15)

O Espírito Santo ensina-nos a viver como filhos de Deus e encoraja-nos a ajudar as pessoas que encontramos no caminho das nossas vidas a descobrir essa verdade. Todos nós ouvimos, com os Apóstolos, a voz urgente e estimulante de Jesus: “Lançai a rede para a pesca” (*Lc 5,4*). Uma pesca à qual todos os cristãos são chamados: ajudar muitas pessoas a secundarem a ação do Espírito Santo que, em Cristo, as conduz a Deus Pai. E isso, na vida quotidiana: na família, no trabalho,

nas relações de amizade e de vizinhança... Por exemplo, quando os pais e as mães pegam ao colo num filho pequeno que caiu e se magoou, e o seguram firmemente e com carinho, estão a transmitir-lhe o amor de Deus Pai, “de quem – como S. Paulo escreve – procede toda a paternidade nos céus e na terra” (*Ef 3,15*). Nestes, e em muitos outros momentos, os pais são instrumento dos cuidados do nosso Pai Deus.

Também entre amigos podemos realizar essa maravilha: por exemplo, ao escutar atentamente, com verdadeiro interesse e amabilidade, alguém em dificuldades e apoiá-lo com oração, ou, se for caso disso, com um conselho oportuno. Assim, estamos a ajudá-lo a lembrar-se de que não está sozinho, que tem um Pai no Céu e irmãos na terra.

Para concluir, podemos tornar nosso o pedido da oração que rezaremos depois da Comunhão: “Os sacramentos que recebemos na festa de S. Josemaria, fortaleçam em nós o espírito de filhos adotivos, para que, fielmente unidos à tua vontade, possamos percorrer com alegria o caminho da santidade”. Neste caminho, encontraremos sempre a nossa Mãe, Santa Maria, que nos acompanha.

10. Em memória de S. Josemaria (26-6-2019)

No Evangelho que acabamos de escutar, S. Lucas diz que “a multidão

se aglomerava à volta de Jesus para ouvir a palavra de Deus” (Lc 5,1). Naquele dia, muitas pessoas rodeavam Cristo; tantas, que era difícil que todos o escutassem claramente. Encontravam-se nas margens de um lago e não havia nenhuma colina próxima em que Jesus se pudesse situar melhor, tal como tinha feito noutras alturas. Decidiu então subir a uma barca e afastar-se um pouco da terra firme. O Senhor conhecia perfeitamente os corações daquela gente; embora uns ali estivessem por curiosidade, outros por simples coincidência, outros por verdadeira sede de Deus, Jesus sabia que todos necessitavam da Sua palavra para descobrir o sentido das suas vidas. Contemplando Cristo que deseja deixar-se ver pela multidão que O procura, podemos perguntar a nós mesmos: Trata-se simplesmente de uma cena do passado? Ver Jesus rodeado de tanta gente não é a imagem de um mundo que já não existe nos nossos dias?

S. Josemaria, cuja festividade celebramos, ao meditar este mesmo trecho, concluía que o que tinha sucedido há dois mil anos continua a suceder sempre: todos “estão desejando ouvir a mensagem de Deus, embora o dissimulem externamente”; todos, embora muitas vezes não tenham palavras nem forças para exprimir esse desejo, “sentem fome, desejam saciar a sua inquietação com os ensinamentos do Senhor” (*Amigos de Deus*, n. 260 e ss). De modo semelhante se exprimiram, nestes últimos anos, os Romanos Pontífices. O Papa Francisco, por exemplo, convida-nos a dar a conhecer Jesus aos que “buscam secretamente Deus, movidos pela nostalgia do seu rosto” (*Evangelii gaudium*, n. 14). Bento XVI, depois de comparar o nosso tempo a um deserto que anseia refrescar-se com a água viva, reconhece que agora

“há inúmeros sinais da sede de Deus, do sentido último da vida, ainda que muitas vezes expressos implicitamente” (*Homilia*, 11-10-2012).

Há tantos testemunhos de pessoas que, perante a descoberta da alegria que o caminho cristão traz às suas vidas, exclamam: - “Mas eu não sabia! Ninguém mo tinha dito! Pensava que era outra coisa!” Por isso, a cena que nos narra S. Lucas não pertence a um mundo do passado. As pessoas querem aglomerar-se à volta de Jesus, porque procuram sem cessar coisas boas e belas que lhes encham o coração; todos temos, no mais profundo da nossa alma, anseios que só Ele é capaz de saciar. Peçamos a Deus que nos torne capazes de reconhecer essa nostalgia do seu rosto, esses sinais da sede de Cristo nas outras pessoas. Peçamos a Deus saber transmitir a sua verdadeira imagem aos que nos rodeiam; a imagem desse Cristo que procura afastar-se um pouco da margem para que todos, mesmo os mais afastados, possam vê-Lo e escutá-Lo.

No final desta passagem do Evangelho, Jesus convida Pedro, Tiago e João a segui-Lo como discípulos. É impressionante pensar que, passados apenas poucos anos, o seu empenho apostólico tenha levado a Boa Nova a muitos lugares importantes da época; até Roma. Os primeiros cristãos, apesar de enfrentarem perseguições e incompreensões, sabiam que o mundo lhes pertencia. S. Paulo, na segunda leitura, enuncia com toda a clareza a convicção que os enchia de confiança: “Se somos filhos, somos também herdeiros” (*Rm* 8,17).

Efetivamente, este mundo é parte da nossa herança. Na primeira leitura diz-se que Deus colocou o homem no mundo “para o cultivar e

guardar” (*Gn 2,15*). E no salmo que cantámos –e que S. Josemaria rezava todas as semanas– é-nos dito que, através de Cristo, temos como herança todas as nações e que possuímos como própria toda a terra (Cf. *Sl 2,8*). A Sagrada Escritura di-lo claramente: este mundo é nosso, é a nossa casa, a nossa tarefa e a nossa pátria.

Por isso, ao saber-nos filhos de Deus, não podemos sentir-nos estranhos na nossa própria casa; não podemos caminhar por esta vida como visitantes em lugar alheio nem podemos andar pelas nossas ruas com o medo de quem pisa território desconhecido. O mundo é nosso, porque é do nosso Pai, Deus. Como ensina S. Tomás de Aquino: tudo está submetido ao seu governo onipotente, nada escapa à sua misericórdia, embora muitas vezes nós não cheguemos a vê-lo (*Summa*, I, q. 103, a.5, resp.). Estamos chamados a amar este mundo, não outro em que nos pareça que talvez nos sentíssemos melhor; só podemos amar as pessoas concretas que nos rodeiam, os desafios específicos que temos pela frente. Não se pode empreender uma tarefa apostólica com a resignação de quem preferia outro momento.

Quando S. Josemaria convidava a amar o mundo apaixonadamente, muitas vezes punha-nos de sobreaviso perante essa “mística do oxalá” que põe condições ao terreno que quer evangelizar, pensando: “Oxalá as coisas fossem diferentes”. Peçamos ao Senhor a capacidade de animar-nos com esta missão que nos confiou, como um filho que se entusiasma por trabalhar nas tarefas da sua própria casa.

Neste dia, em que dirigimos o nosso olhar especialmente para S. Josemaria, podemos tomar como exemplo a sua fé para se lançar a

empreendimentos que pareciam impossíveis, numa altura que, em não poucos aspetos, era mais complicada e difícil do que a nossa.

Deixemo-nos contagiar por essa confiança do nosso Padre, que nos leva a amar este mundo que recebemos por herança e a procurar cumular essa nostalgia de Cristo em tantas pessoas com quem nos encontramos. Para isto, apoiamo-nos muito especialmente na mediação da Nossa Mãe Santa Maria, que vela com amor e paciência materna pela felicidade de todos os seus filhos. Assim seja.

11. Inauguração do ano académico de 2019-2020 da Pontifícia Universidade da Santa Cruz (7-10-2019)

A primeira leitura que ouvimos apresenta-nos a grande festa judaica do Pentecostes: naqueles dias, muitos israelitas peregrinavam a Jerusalém. Tinham passado quase dois meses desde a crucificação. Foi a primeira vez que os discípulos de Jesus passaram essa festa sem o Mestre. A cidade estava cheia de estrangeiros, pessoas desconhecidas, que vinham "de todas as nações debaixo do céu" (At 2, 5), mesmo de Roma. Após a narração da vinda do Espírito Santo, os Atos dos Apóstolos fazem referência a um facto que diz respeito a todos nós, também aos que aqui estão reunidos: todos ouviram os discípulos falar sobre as "grandes obras de Deus" (At 2,11).

Hoje começa um novo ano acadêmico - o trigésimo quinto - desta Universidade pontifícia. Poder-se-ia dizer que, como as pessoas que se reuniram então em Jerusalém, viemos de todas as nações debaixo do céu. Poder-se-ia dizer também que o nosso desejo, como o dos discípulos reunidos, é falar das grandes obras de Deus. Por isso, celebramos a Missa votiva do Espírito Santo; porque, como Jesus nos diz no Evangelho que acabamos de proclamar, é o Paráclito que "nos ensinará todas as coisas" (Jo 14,26) para que, por sua vez, possamos transmiti-lo a outras pessoas. Lembro-me de algumas das palavras de S. Paulo quando, prisioneiro nesta cidade de Roma, escreveu a Timóteo: "Quanto de mim ouviste (...) transmite-o a pessoas de confiança, que sejam capazes de o ensinar também a outros." (2 Tim 2.2). O Senhor dirige as mesmas palavras a todos os que estamos reunidos nesta celebração eucarística. Hoje, o Senhor nos chama - a todos e cada um de nós - a fazer parte desse grupo de fiéis encarregados de transmitir a fé, com profundo conhecimento, cada um no seu próprio ambiente: nos seminários, paróquias, congregações religiosas ou nas muitas ocupações correntes do mundo.

S. Tomás de Aquino, padroeiro da nossa Faculdade de Teologia, sublinhou o valor apostólico daqueles que se dedicam ao estudo e ensino da "perfeição de Deus"; Embora possa parecer um trabalho muito afastado da pastoral, a realidade é que os que formam os formadores desempenham um papel muito importante na proclamação do Evangelho a muitos outros (cf. *Quodlibet* I, q. 7 a. 2 co). Na verdade, há muito mais pessoas nas salas de aula do que se pode ver à primeira vista. O estudo aprofundado converter-se-á, mais

tarde, no alimento de muitas pessoas, que talvez nem cheguemos a conhecer. Para realizar este apostolado de anunciar as "grandes obras de Deus", é indispensável, como recordava o Papa Francisco, "ajoelhar-se diante do altar da reflexão" (Videomensagem 1-3 /9/2015). Não basta recitar uma breve oração antes de começar a estudar, é necessário fundir as duas realidades no coração: "pensar rezando e rezar pensando" (Ibid.).

Quando isolamos a reflexão intelectual, não a integrando numa relação de amor a Deus e à vida dos outros, corremos o risco de que se converta num discurso que, em palavras de S. Paulo, "incha", mas não "constrói" (cf. 1 Co 8, 2). Portanto, ao recomendar aos cristãos que tenham "doutrina teológica", S. Josemaria nunca deixou de uni-la à necessidade de uma "piedade de crianças" - não menos importante - (cf. *Cristo que passa*, n. 10). Peçamos ao Senhor que nos conceda uma alma contemplativa, porque só então podemos descobrir a verdadeira profundidade e beleza da Sua doutrina.

O estudo da Teologia, Filosofia, Direito Canónico ou Comunicação Institucional não pode permanecer desligado dos problemas e questões da vida concreta das pessoas ao nosso redor. Pelo contrário: o estudo deve ser um serviço à Igreja. Bento XVI, referindo-se à teologia de São Tomás de Aquino, sublinhou que fazia o seu trabalho "no encontro com as verdadeiras questões do seu tempo" (Audiência, 23-VI-2010). Nunca nos separemos das pessoas, por inércia ou por conveniência nossa. As aspirações e preocupações do nosso mundo também devem entrar no estudo, na investigação e na oração. Jesus

Cristo assim fez: ouviu as perguntas espontâneas dos que iam ao Seu encontro (cf. Mt 19, 27; Mc 12, 18; e outros), foi às casas de muitas pessoas (cf. Lc 19, 5 e outros), participou nas suas alegrias (cf. Jo 2, 2 e outros) e nas suas tristezas (cf. Lc 8, 42 e outros).

Peçamos, pois, ao Espírito Santo que nos recorde, como lemos hoje no Evangelho, tudo o que Nosso Senhor disse, e que nos anime a seguir o Seu exemplo.

Costuma-se dizer que os santos são os verdadeiros teólogos, em virtude do conhecimento de Deus alcançado pelo amor. A vida e os escritos de S. Josemaria constituem uma fonte muito rica de reflexão académica. Encorajo-vos a conhecer a sua figura durante os vossos anos de estudo nesta Universidade, que ele próprio promoveu: descobrireis, como em outros santos da Igreja, uma harmonia entre a vida de oração, o estudo profundo e a vibração apostólica.

Como os discípulos que, cheios do Espírito Santo, proclamaram a mensagem de Cristo em todas as línguas, também pedimos ao Paráclito que nos ilumine neste novo ano de estudo a conhecer melhor Jesus. E neste compromisso, não podemos deixar de dirigir-nos também a Nossa Senhora, nossa Mãe: é Ela, quem, cheia do Espírito Santo, melhor conhece o Seu Filho. Assim seja.

12. Primeiro aniversário do falecimento de D. Javier Echevarría

(12-12-2017)

As almas dos justos estão nas mãos de Deus (cf. *Sb 3,1*). Esta passagem da Escritura, que hoje introduz a liturgia da Palavra, conduz-nos a recordar D. Javier Echevarría com agradecimento. Essa firme convicção era vida da sua vida e manifestava-a com frequência. Referiu-lho, poucos dias antes do seu falecimento, o médico que durante muitos anos o tinha atendido: “Como nos disse tantas vezes, Padre — dizia-lhe — estamos nas mãos de Deus”.

“O que crê em Mim, ainda que tenha morrido, viverá”, diz Jesus a Marta. “E todo aquele que vive e crê em Mim não morrerá jamais”. E o Senhor acrescenta: “Crês nisto?” (*Jo 11, 25-27*). Hoje, o Senhor dirige esta pergunta, como tantas outras do Evangelho, a cada um de nós. “Acreditas nisto?”. Acreditas que, não só no final da tua vida, mas em cada instante, também agora, Deus pensa em ti e quer que estejas junto d’Ele? Acreditas que vives continuamente nas mãos de Deus, mesmo quando te parece que se esqueceu de ti?

Recordo agora um episódio que contava um médico a quem, há alguns meses, diagnosticaram uma grave doença. Passados poucos dias encontrou-se no hospital com um colega que lhe perguntou, com a sinceridade com que falam os amigos: “Diz-me, para que te serviu rezares tanto?”. E ele respondeu: “Olha, rezar ajudou-me a estar, neste momento, feliz, sereno, em paz, eu e toda a minha família; confiamos completamente em Deus e aceitamos a Sua vontade”. O amigo, que não era crente, comoveu-se quase até às lágrimas e despediu-se

dizendo: “Que bom é ter fé em Deus!”. Sim, que bom é ter fé em Deus, sobretudo, porque a beleza da fé não está num consolo fácil que se obtém lendo ou escutando, de vez em quando, alguma consideração, que desaparece logo a seguir, quando se regressa à crua realidade de todos os dias, com as suas preocupações e imprevistos. A beleza da fé está no abandono em Deus, em compreender que estamos nas suas mãos, uma atitude interior que tem de crescer em nós dia após dia, com serenidade. E crescerá especialmente ao ritmo da nossa oração - se dedicamos todos os dias uns minutos à oração pessoal, ao diálogo com Deus. Mesmo quando nos parece que não temos tempo para Deus; mesmo quando pensamos que não saberemos o que Lhe contar. Desta maneira, pouco a pouco, deixamo-nos conquistar pelo Senhor, aprendemos a abandonar-nos nas suas mãos. E então podemos confiar-Lhe tantas coisas, mesmo no meio do trânsito, do trabalho intenso, na vida familiar ou durante o descanso.

“Os que confiam n’Ele compreenderão a verdade, os que são fiéis no amor permanecerão junto d’Ele” (Sb 3, 9). O fragmento do livro da Sabedoria que escutámos fala-nos dos justos que partiram deste mundo; mas fá-lo, olhando para trás, recapitulando as suas vidas. Portanto, fala igualmente de nós, do caminho em que nos encontramos. Estas outras palavras também nos são muito próximas: “Deus pô-los à prova e encontrou-os dignos d’Ele. Provou-os como ouro no crisol, aceitou-os como sacrifício de holocausto” (Sb 3, 5-6).

Detenhamo-nos um momento nesta formosa imagem: o crisol, quer dizer, a parte inferior do forno em que o metal precioso se separa da

escória, ficando assim mais puro. A purificação através do fogo simboliza um caminho marcado por duas realidades: o sofrimento e o amor. Sofrimento que o amor de Deus permite na nossa vida, de formas tão variadas; sofrimento que às vezes causamos com os nossos pecados ou as nossas limitações; sofrimento que pode servir para despertar em nós o amor, para purificar o ouro que Deus pôs no nosso coração; para purificar o nosso amor da escória do egoísmo, do orgulho, escória de que por vezes não nos apercebemos, mas que diminui a nossa alegria porque levanta obstáculos entre nós e Deus, entre nós e os outros. E Deus, como transforma o sofrimento em amor? Através do diálogo constante que deseja manter connosco, desde que nós estejamos dispostos a abrir-nos a Ele.

Numa das suas últimas cartas pastorais, D. Javier escreveu: “A paz interior não pertence a quem julga que cumpre tudo bem, nem a quem não se esforça por amar: surge na criatura que, mesmo quando cai, volta às mãos de Deus” Peçamos ao Senhor, portanto, que permitamos que Ele purifique o nosso coração, com confiança, ainda que às vezes não compreendamos os seus caminhos (cf. *Is 55,8*). Peçamos-Lho agora, nestes dias de preparação para o Natal. Hoje, festa de Nossa Senhora de Guadalupe, confiemos este desejo a Santa Maria, que também está junto de nós, como disse a João Diego - “Não estou eu aqui, que sou tua mãe?” (*Nican Mopohua*, n. 119) - e como fez compreender a D. Javier, especialmente no último dia da sua vida na terra.

c) Artigos

[1. Luz para ver, força para querer \(El Tiempo, Bogotá, 24-9-2018\)](#)

[2. Deixar-se surpreender por um bom Pai \(La Estrella, Panamá, 25-1-2019\)](#)

[3. Guadalupe: um caminho para o céu na vida quotidiana \(ABC, Madrid, 13-5-2019\)](#)

1. Luz para ver, força para querer (*El Tiempo*, Bogotá, 24-9-2018)

«Não temas; de agora em diante serás pescador de homens». Com estas palavras, Cristo muda a vida de Simão e, desde então, o pescador da Galileia sabe para que vive. Como ele, cada pessoa encara essa questão mais cedo ou mais tarde: qual é a minha missão na vida?

Proximamente, o Sínodo dos Bispos refletirá sobre "Os jovens, a fé e o discernimento vocacional" em Roma. Além de pedir ao Espírito Santo que ilumine os Padres Sinodais, aproveitemos esta oportunidade para meditar no nosso próprio caminho, porque todos temos uma vocação divina, todos somos chamados por Deus a unir-nos com Ele.

A fé é uma luz poderosa, capaz de iluminar o futuro e inspirar os nossos desejos de plenitude. Numa época da vida em que a segurança da infância pode vacilar e a luz da fé enfraquecer, é necessário

recordar a nossa verdade mais profunda: somos filhos de Deus e fomos criados por amor. Ele realiza o chamamento mais radical: chama todos e cada um de nós a sermos totalmente felizes ao seu lado. O Criador não nos lança para a vida e depois se esquece de nós: aos que cria, ama e chama. Portanto, o discernimento do nosso caminho deve ser iluminado pela fé no amor de Deus por nós, por cada um.

"Não temas", diz Jesus a Pedro. "Não tenhais medo de ouvir o Espírito que vos sugere escolhas audazes", escreveu o Papa na sua Carta aos Jovens para anunciar este Sínodo. A busca pessoal pode gerar um certo desassossego, porque sentimos a vertigem da liberdade. Serei feliz? Terei força? Valerá a pena comprometer-me? Nem aqui Deus nos deixa sós. Ele nos inspirará, se soubermos escutá-Lo. Assim lho pedimos, cada vez que rezamos a oração mais bela: "Seja feita a Vossa vontade, assim na terra como no céu"; seja feita em mim a Tua vontade, em cada um de nós.

Pensando em tantos jovens que desejam secundar os planos de Deus, vamos pedir que recebam não apenas a luz para ver o seu caminho, mas também a força para se unirem à vontade divina. Ajudar-nos-á a pensar que quando Ele pede alguma coisa, está realmente a oferecer um dom. Não somos nós que Lhe fazemos um favor: é Deus que ilumina a nossa vida, enchendo-a de sentido.

Espero que os jovens e os adultos compreendam que a santidade, não só não é um obstáculo para os seus próprios sonhos, como é a sua realização. Todos os desejos, todos os projetos, todos os amores podem fazer parte dos planos de Deus. Como recorda S. Josemaria, "a

caridade bem vivida já é a santidade"

A vida cristã não nos leva a identificar-nos com uma ideia, mas com uma Pessoa: com Jesus Cristo. Para que a fé ilumine os nossos passos, além de nos perguntarmos - «Quem é Jesus Cristo para mim?», pensemos - «Quem sou eu para Jesus Cristo?» Descobriremos, assim, os dons que o Senhor nos deu, que estão diretamente relacionados com a nossa própria missão. Assim, uma atitude interior de abertura às necessidades dos outros amadurecerá cada vez mais em nós, saberemos pôr-nos ao serviço de todos e veremos mais claramente qual é o lugar que Deus nos confiou neste mundo.

Numa sociedade que pensa muito no bem-estar, a fé ajuda-nos a elevar o olhar e descobrir a verdadeira dimensão da nossa própria existência. Se formos portadores do Evangelho, a nossa passagem nesta terra será fecunda. Sem dúvida, toda a sociedade beneficiará de uma geração de jovens que se pergunte, com fé no amor de Deus por nós: qual é a minha missão nesta vida? Que rasto deixarei atrás de mim?

2. Deixar-se surpreender por um bom Pai (*La Estrella*, Panamá, 25-1-2019)

«Quando contemplo os céus, obra das tuas mãos, a lua e as estrelas

que lá colocaste, que é o homem para que te lembres dele, o filho do homem para dele te ocupares?»? (Sl 8,4-5). Estas palavras do salmista descrevem o grande espanto que nasce no coração quando a pessoa contempla a imensidão do universo e, ao mesmo tempo, descobre que, apesar da sua pequenez, é incondicionalmente amada por Deus tal como é, por si mesmo.

No entanto, às vezes podemos pensar que esta experiência de plenitude é admirável, bela, mas no fundo não acontece. Pensamos - e S. Josemaria prevenia-nos quanto a isso - que [Deus está lá longe, onde brilham as estrelas, mas não está perto de nós](#), submersos na voragem da vida, cheia de ocupações, projetos, coisas para fazer. De vez em quando vem a dúvida: tudo isto, afinal, para quê? Para que serve fazer isto ou aquilo? Para onde quero ir? O que é que eu procuro realmente? São alertas que aparecem na alma, que quer mais, e que, com a ajuda do Espírito Santo, nos abrem a grandes horizontes.

A juventude é um momento particularmente conveniente para fazer estas perguntas, pois esta etapa abre um leque amplo de possibilidades, grandes desafios e decisões que vão definir o rumo da existência. Nela está latente o desejo de aproveitar bem o tempo e de acertar no projeto pessoal de vida. É preciso, portanto, ter espaços e tempos de reflexão, de amadurecimento, de releitura do que foi vivido até ao momento, para redescobrir o presente – aquilo que cada um é – e projetar o futuro.

Nenhum de nós está aqui por acaso; Deus colocou-nos na terra para participar em algo grande, para colaborar com Ele na história da

humanidade. Ninguém Lhe é indiferente. Para todos Deus tem uma missão.

Mas isso pode meter um pouco de medo, porque exige sair do imediato e da zona de conforto. Na mensagem de preparação da Jornada Mundial da Juventude destes dias no Panamá, o Papa Francisco dizia aos jovens: [“Convido-vos, todos, a olhar dentro de vós próprios e a «dar um nome» aos vossos medos \(...\) Perguntai-vos: hoje, na situação concreta que estou a viver, o que é que me angustia, o que é que mais temo? Porque é que não tenho a coragem de abraçar as decisões importantes que deveria tomar?”](#) E depois dava ânimo: “O medo nunca deve ter a última palavra, mas ocasião para realizar um ato de fé em Deus... e também na vida. Isto significa acreditar na bondade fundamental da existência que Deus nos deu, confiar que Ele conduz a um fim bom, mesmo através de circunstâncias e vicissitudes muitas vezes misteriosas para nós”.

Detrás das grandes questões, Deus quer abrir-nos um panorama de grandeza e beleza, que talvez esteja escondido aos nossos olhos. É necessário confiar n’Ele e dar um passo para ir ao seu encontro, e superar o medo de pensar que, dessa maneira, vamos perder muitas coisas boas na vida. A sua capacidade de nos surpreender é muito maior do que qualquer uma das nossas expectativas.

[“As propostas de Deus para nós, como a que fez a Maria, não são para matar sonhos, mas para acender desejos; para fazer com que a nossa vida dê fruto, faça abrir muitos sorrisos e alegre muitos corações”](#), afirmou também o Papa na video-mensagem sobre a Jornada Mundial

da Juventude, considerando o exemplo da Virgem Maria, que com seu generoso “sim” a Deus, mudou para sempre o curso da história.

3. Guadalupe: um caminho para o céu na vida quotidiana (ABC, Madrid, 13-5-2019)

A Serva de Deus Guadalupe Ortiz de Landáuzuri vai ser beatificada no próximo dia 18 de maio, em Madrid. Este acontecimento é motivo de alegria e de esperança, porque mostra, uma vez mais, que Deus chama todos a viverem uma vida plena com Ele, que chama à santidade, e que tudo isso é possível nas vicissitudes da vida quotidiana.

A futura bem-aventurada amou a vida que Deus traçou para ela; tornou-a sua e foi feliz. Ainda nova, sofreu a morte do pai, que enfrentou com serenidade e firmeza. Apesar das dificuldades, decidiu completar os estudos de Química e abraçar uma profissão que era pouco frequente nas mulheres do seu tempo; a seguir, dedicou-se ao ensino com todas as suas forças. Quando conheceu S. Josemaria Escrivá e descobriu que Deus a chamava para viver a sua vida cristã segundo o espírito do Opus Dei, não hesitou em entregar-se generosamente a santificar-se na vida quotidiana. Guadalupe permaneceu aberta ao que Deus lhe pedia em cada momento: renunciar à profissão por um tempo para retomá-la mais tarde, ir para o México para iniciar a presença evangelizadora do Opus Dei no

continente americano, regressar a Espanha e voltar ao ensino, fazer o doutoramento numa idade madura.

O exemplo de Guadalupe é luz e alento para ver em cada vida comum um caminho de santidade, onde os projetos, sonhos, desafios e planos, mais ou menos previstos, se cruzam com mudanças, dificuldades e problemas inesperados. Ela sobressai em amar o que Deus dá, querer o que Deus quer, confiar e esperar em Deus, e viver plenamente o presente tal como é, colocando o futuro nas mãos de Deus.

Guadalupe era alegre, corajosa, determinada, empreendedora, acolhedora. Tinha a certeza de que Deus estava perto e a amava. Uma certeza que lhe deu simplicidade e serenidade, sem deixar de recear os seus defeitos pessoais, mas dando-lhe liberdade para procurar amar Deus e os outros sempre e em tudo. Muitas vezes seremos tentados a prescindir de grandes coisas, a renunciar a certos sonhos, por sentirmos as nossas limitações e erros. Guadalupe mostra que é possível sonhar e ir longe, se, apesar das dificuldades, confiarmos em Deus, no seu amor por nós.

Esta química de Madrid conciliou uma vida profissional intensa com a intimidade com Deus e o serviço aos outros. As suas muitas cartas registam as muitas tentativas de pôr Deus em primeiro lugar e, embora nem sempre conseguisse o que queria, recomeçava cada vez com novo empenho. Procurou abrir momentos definidos ao longo do dia para o encontro pessoal com Deus, momentos de oração para n'Ele buscar força e depois O encontrar nas outras circunstâncias. Qualquer pessoa, apesar das tarefas que enchem o dia, pode, se quiser,

encontrar Deus, que espera cada um a todo o momento e especialmente na Eucaristia. Tem um certo sabor providencial que o dia 18 de maio, data da beatificação, tenha sido também o dia em que Guadalupe fez a Primeira Comunhão. Uma coincidência que recorda a estreita união que existe entre a Eucaristia e a santidade pessoal.

A futura bem-aventurada pode ser vista como modelo para descobrir Deus no trabalho bem feito. Tinha consciência de que podia tornar Deus presente na atividade profissional e, nela e através dela, dar a conhecer Deus aos outros. O amor a Deus e o empenho profissional levavam-na a comprometer-se com as necessidades sociais do seu tempo; não foi indiferente ao sofrimento dos outros e isso incitou-a a promover iniciativas de desenvolvimento social, tanto no seu país como no México. Guadalupe era uma apaixonada pela Química, mas o trabalho não era para ela apenas um lugar de realização profissional; era sobretudo, um espaço para se relacionar com Deus e se dar aos outros: para servir.

Muitas pessoas que a conheceram recordam a alegria, o riso contagioso, que tornava a vida agradável. Este caráter alegre e aberto era certamente, em parte, temperamental, herdado, mas era também, e muito, fruto do esforço e do sacrifício que ninguém vê. Teve durante vários anos uma doença cardíaca, que lhe provocava cansaço e até exaustão, mas optou por abraçar essa dificuldade e mantinha o sorriso habitual de quem não dá importância a si mesma. Ao pensar em Guadalupe, vem-me à memória também uma afirmação de S. Josemaria: “Dar-se sinceramente ao serviço dos outros é de tal

eficácia, que Deus o premeia com uma humildade cheia de alegria”.
(*Forja*, n. 591). Neste mês de maio, especialmente dedicado à Santíssima Virgem, podemos pedir-Lhe que a figura de Guadalupe nos inspire e nos leve a aceitar os convites de Deus quanto à nossa vida, para sermos, como ela, felizes, «bem-aventurados», como a Igreja a declarará dentro de dias.

Sobre

Gabinete de Informação do Opus Dei, 2020

www.opusdei.org

[Consulte a lista completa de ebooks gratuitos](#)